

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FABIAN SICHONANY SAMUEL

**TRABALHO VOLUNTÁRIO E BIOGRAFIA:  
COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO  
VOLUNTARIADO ATRAVÉS DO MÉTODO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA**

Porto Alegre

2016

FABIAN SICHONANY SAMUEL

**TRABALHO VOLUNTÁRIO E BIOGRAFIA:  
COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO  
VOLUNTARIADO ATRAVÉS DO MÉTODO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

Porto Alegre

2016

**S193t**

Samuel, Fabian Sichonany

Trabalho voluntário e biografia: compreendendo a constituição da ação de engajamento no voluntariado através do método da narrativa biográfica. / Fabian Sichonany Samuel. – Porto Alegre, 2016.  
82 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Escola de Humanidades, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

1. Ciências Sociais. 2. Ação Social. 3. Voluntariado. 4. Narrativa Biográfica. 5. Alfred Schutz. I. Santos Filho, Hermílio Pereira dos. II. Título.

**CDD 361.74**

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

FABIAN SICHONANY SAMUEL

**TRABALHO VOLUNTÁRIO E BIOGRAFIA:  
COMPREENDENDO A CONSTITUIÇÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO  
VOLUNTARIADO ATRAVÉS DO MÉTODO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em  
Ciências Sociais do Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientador: Dr. Hermílio Pereira dos Santos Filho

---

Examinador: Dr. Emil Albert Sobottka

---

Examinadora: Dra. Ana Lúcia Suárez Maciel

Porto Alegre

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, pelas alegrias e pelos desafios.

Estendo a gratidão aos meus pais, Cleonice e Jesus; aos meus irmãos Douglas, Lucius e Gimena; a minha tia Adelaide e aos meus sobrinhos Giulia e Francisco.

Agradeço ao meu orientador, professor Hermílio Santos, pelo acompanhamento e ajuda na elaboração da presente dissertação.

Aos funcionários, colegas e professores do Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais o meu agradecimento pelos bons momentos e pelo aprendizado a partir da convivência quase diária.

Aos funcionários da Biblioteca Central da PUCRS pela cordialidade e excelente atendimento prestado aos estudantes.

Agradeço a FAPERGS/ CAPES pelo financiamento dos meus estudos, da qual espero ter dado um retorno à altura da confiança em mim depositada.

Agradeço de igual maneira aos voluntários que contribuíram com a pesquisa.

Por último, uma reverência a todas as pessoas que buscam, a despeito da indiferença e do egoísmo dos nossos dias atuais, a qualificação da vida e das relações humanas através da atividade voluntária. O gesto pode ser pequeno, mas carrega um grande simbolismo e exemplo para todos nós.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal contribuir com os estudos sobre a temática do voluntariado, em face da importância que o movimento vem ganhando no Brasil, sobretudo após o período que se seguiu a redemocratização do país. Foi analisado em um primeiro momento o desenvolvimento da atividade no Brasil e suas implicações sociais, sobretudo no que se refere à qualificação dos laços sociais em face do individualismo crescente. Então, tendo em vista a importância desta atividade, em um segundo momento a análise recaiu, ainda de maneira teórica, sobre as ações sociais e como são produzidas. Valeu-se para tanto, da teoria da ação de Alfred Schutz. Entende-se, neste estudo, a ação de engajamento no voluntariado como uma ação social à maneira do referido autor. Este trabalho buscou compreender como as razões e os motivos para o engajamento no voluntariado são construídos através das experiências de vida do ator social, buscando com isso revelar os *motivos porquê* (ou motivos biográficos). Neste estudo foram realizadas cinco entrevistas com pessoas que realizam atividade voluntária em instituições da sociedade civil, das quais a análise e a apresentação, que foram orientadas segundo o método da Narrativa Biográfica, desenvolvido por Fritz Schütze e aperfeiçoado por Gabriele Rosenthal, recaiu sobre uma delas. A pesquisa empírica com Fernanda nos revelou que a ação de engajamento no voluntariado é construída biograficamente através da relação que existe entre a situação biograficamente determinada e o mundo de sentido comum. As experiências biográficas tanto modificam as interpretações do ator social sobre o mundo, como o orientam na tomada de decisão no sentido de engajar-se no voluntariado. Ademais, vislumbramos um caminho biográfico singular, composto de quatro momentos biográficos principais, interconectados, e que, somados a um contexto onde a cultura sobre o voluntariado é amplamente difundida, favoreceram Fernanda por ocasião de sua decisão de se tornar uma voluntária. A biografada conseguiu transformar a doença e o sofrimento em fator de crescimento pessoal, a partir do contato e da socialização em um universo de significado espírita, e isso foi determinante para que elaborasse o seu projeto de ação.

**Palavras-chave:** Voluntariado. Ação social. Alfred Schutz. Narrativa biográfica.

## ABSTRACT

This work aims to contribute to studies on the subject of volunteering, given the importance that the movement is gaining in Brazil, especially after the period following the re-democratization of the country. At first, it was analyzed the development of the activity in Brazil and its social implications, particularly as regards the qualifications of social ties in the face of growing individualism. So, given the importance of this activity, in a second step, still in a theoretical way, the analysis focused on the social actions and how they are produced. For this purpose, it was used the theory of Alfred Schutz action. It is understood, in this study, the engagement action in volunteering as a social action according to Schutz. This study sought to understand how the reasons and motives for engaging in volunteering are built through the life experiences of social actor, seeking to reveal the because motives (or biographic motives). This study conducted five interviews with people who volunteer in institutions of civil society, of which the analysis and presentation that were oriented by the method of Narrative Biographical developed by Fritz Schütze and perfected by Gabriele Rosenthal, focused on one of them. Empirical research with Fernanda has revealed that the engagement action in volunteering is constructed biographically through the relationship between the biographically determined situation and the world of common sense. Biographical experiences both change the interpretations of social actor on the world and guide him in the decision making process to engage in voluntary activity. In addition, we glimpse a singular biographical path, composed of four main biographical moments, interconnected, which, added to a context where the culture of volunteering is widespread, favored Fernanda on the occasion of his decision to become a volunteer. The biographee managed to turn the disease and suffering in personal growth factor, through the contact and socialization in a spiritist universe of meaning, and that was determinant for her in order to prepare her action project.

Keywords: Volunteering. Social action. Alfred Schutz. Biographical narrative.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O VOLUNTARIADO .....	13
2.1 EM TORNO DAS DEFINIÇÕES .....	13
2.2 O DESENVOLVIMENTO DO VOLUNTARIADO NO BRASIL.....	15
2.3 O VOLUNTARIADO, A SOLIDARIEDADE E O LAÇO SOCIAL EM FACE DO INDIVIDUALISMO MODERNO .....	22
3 A COMPREENSÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO COMO AÇÃO SOCIAL: TEORIA E MÉTODO .....	27
3.1 A TEORIA DA AÇÃO EM ALFRED SCHUTZ .....	27
3.1.1 O mundo da vida cotidiana.....	27
3.1.2 A situação biográfica determinada .....	30
3.1.3 O processo de constituição das ações sociais como produto da relação entre o mundo da vida cotidiana e a situação biográfica.....	32
3.2 NARRATIVA BIOGRÁFICA: O ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO COMO AÇÃO SOCIAL E SEUS MOTIVOS PORQUÊ.....	34
3.2.1 Os cinco passos metodológicos da Narrativa Biográfica.....	39
3.2.1.1 Análise dos dados biográficos .....	39
3.2.1.2 Análise do campo temático e do material textual.....	39
3.2.1.3 Reconstrução da história do caso (vida vivenciada).....	40
3.2.1.4 Análise detalhada das passagens textuais.....	40
3.2.1.5 Contraste entre a vida vivenciada e vida narrada .....	40
4 UMA FORMA DE CONSTITUIÇÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA: O CASO DE FERNANDA .....	42
4.1 A ENTREVISTA COM FERNANDA: O CONTATO E A INTERAÇÃO .....	42
4.2 RESUMO DA BIOGRAFIA DE FERNANDA.....	44
4.3 A INFÂNCIA: A FAMÍLIA ESTRUTURADA E A BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA	47
4.4 O PONTO DE INFLEXÃO: A DESCOBERTA DA DOENÇA NA COLUNA E SUAS IMPLICAÇÕES BIOGRÁFICAS .....	49
4.5 O CASAMENTO, A EXPERIÊNCIA MATERNA E A CIRURGIA.....	53
4.6 O MOMENTO DE CRISE E A BUSCA POR SENTIDO .....	57
4.7 A MENOPAUSA E A VOLTA DAS DORES .....	62

4.8 O MOMENTO DE ENGAJAMENTO E A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIA....	65
4.9 OS MOTIVOS PORQUÊ DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO...	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS .....	79

## 1 INTRODUÇÃO

Em algum momento do meu caminho biográfico passei a considerar que o território da experiência cotidiana é um meio tão rico de conhecimentos que não poderia mais ser desprezado. É na vida cotidiana que a curiosidade é estimulada e as primeiras inquiuições a respeito dos mais variados temas surgem. Assim como as ações humanas, os interesses em ciência e filosofia começam a se formar no momento em que passamos a estar mais inteiros nas situações, vivenciando cada experiência de maneira tão intensa quanto possível.

Ao trabalhar como voluntário durante alguns anos, sempre soube das razões que para ali me conduziram. Estava a tornar vivo aqueles valores que para mim eram importantes e que havia aprendido na família e na religião. Contudo, dada a diversidade das motivações humanas, sempre tive a curiosidade de saber por quais outros motivos aquelas pessoas que compartilhavam minha experiência diária estavam ali. Nem todos eram religiosos, nem todos tinham a mesma condição financeira, mas em algum momento e por alguma razão os caminhos haviam se cruzado e, estávamos naquele local, aprendendo e compartilhando a mesma experiência.

Contudo, embora conhecendo algumas nuances da atividade, por realizá-la, só pude ter contato com o tema e elaborá-lo de maneira mais sistemática em minha graduação, quando tive a oportunidade de estudar os voluntários da ONG ambientalista Greenpeace. Nesse momento ainda não havia aprofundado muito o estudo sobre as diversas teorias da ação social em sociologia, algo que só pude analisar com critério já no mestrado, em uma disciplina referente ao assunto.

Então, e por ocasião do contato com o método da narrativa biográfica, que se deu através do meu orientador, o Professor Hermílio Santos, dispunha de uma ferramenta que iria favorecer a união dos meus dois temas favoritos em sociologia: a atividade voluntária e o clássico tema da ação humana e estrutura social.

Do contato com a bibliografia pude aprender que a atividade voluntária é uma prática muito antiga em nosso país, datando do século XVI e ligada intimamente aos trabalhos sociais realizados pela Igreja Católica (SBERGA, 2001). Cabe ressaltar, contudo, que contemporaneamente o movimento voluntário sofreu um processo de reinterpretação de princípios, anteriormente estava embasado na noção religiosa da caridade tradicional, e hoje está fundamentado no conceito secularizado de solidariedade (FERNANDES, 1994). Este tipo de voluntariado é também chamado de voluntariado social (SBERGA, 2001).

O movimento voluntário atual, que também pode ser qualificado para a ação nos centros de formação modernos, acolhe pessoas de todas as crenças que estejam interessadas em dar início a uma atividade voluntária. Os centros são importantes, segundo Meister, pois ajudam os voluntários a realizar a atividade voluntária, já que eles capacitam, enviam e acompanham os voluntários nas instituições em que desejam trabalhar. Os centros têm ainda, segundo o autor, além da função de busca e destinação dos voluntários, a preocupação de capacitar às pessoas e instituições. A ideia central é a de que o conhecimento pode qualificar a ação dos voluntários nas instituições que demandam o trabalho voluntário, sejam asilos, creches, hospitais e etc (MEISTER, 2003).

As cinco entrevistas que realizamos para este estudo foram feitas observando esse recorte. Todos os voluntários trabalham em instituições da sociedade civil há mais de um ano e dedicam no mínimo quatro horas de trabalho por semana, de maneira não compulsória e gratuita. Dos entrevistados que foram selecionados para a amostra, quatro receberam orientação-capacitação em um centro de voluntários moderno.

Então, dado esse contexto de crescente demanda por trabalho voluntário, os estudos sobre as principais motivações que levam os indivíduos a agir voluntariamente também aumentou. Para citar alguns (serão aprofundados neste trabalho), Roca (1994) caracterizou as motivações como sendo a) expressivas: dar sentido à vida; b) instrumentais: aumentar a experiência e c) altruístas: ajudar os semelhantes.

Outros importantes estudos também buscaram compreender o tema, dentre os quais cumpre referir o trabalho de Sberga (2001), que dividiu as motivações para o agir voluntário em: a) motivações cívico sociais: a ação tem como motivo principal a busca pelo equacionamento de situações sociais; b) motivações políticas: o ator social age politicamente com vistas a mudar as instituições da sociedade; c) motivações ideológico-ético-religiosas: o agir tem o propósito de moralizar costumes, buscar a paz ; d) motivações psicossociais: são as ações motivadas por altruísmo, projeção social, auto-realização. E o trabalho de Ferreira et al. (2008), que dividiram as motivações para o agir voluntário em pertença, altruísmo, estima e reconhecimento social e aprendizagem e desenvolvimento.

Conforme pude constatar, as pesquisas sobre o tema do voluntariado e suas motivações ora são qualitativas ora quantitativas e captam, geralmente, o que o ator social pretende com a atividade, ou seja, quais são os seus propósitos para dar início à mesma, seja em termos de reconhecimento, pertença, ajuda ao próximo e etc. Esse tipo de motivação pode ser lido dentro da sociologia de Alfred Schutz como *motivos a fim de*.

Alguns pesquisadores, entretanto, trabalharam o assunto não tanto focados no propósito que o ator social tem com a ação voluntária, mas buscando delimitar os elementos demográficos, sociais e psicológicos que contribuíram para uma atitude de engajamento na atividade. Dentre os que utilizam essa abordagem podemos destacar o estudo de Penner (2002), que construiu um modelo que compreende uma gama de fatores que impulsionam/orientam o ator social nesse sentido. Esse estudo aproxima-se em alguma medida da nossa proposta, na medida em que busca compreender os *motivos porquê* da ação, para usarmos um conceito Schutziano.

Do contato preliminar com o tema e respeitando o princípio de abertura, pressuposto teórico da metodologia da narrativa biográfica, me lancei às entrevistas. Através delas o meu problema de pesquisa, inicialmente vago, foi ganhando contornos definidos. Em todas as cinco entrevistas que realizei com voluntários, a questão das vivências biográficas como fundamentais para uma atitude de engajamento no voluntariado surgiram. Todos eles sabiam interpretar a sua ação ou responder a mim sobre o que pretendiam com a atividade voluntária, entretanto, o modo como as experiências de vida os conduziram àquela ação só poderia ser revelado mediante o uso de uma metodologia que fosse capaz de analisar profundamente suas vivências e a relação delas com o contexto social.

Então, após uma apropriação mais adequada das entrevistas que realizei, pude formular o problema de pesquisa nos seguintes termos: como a ação de engajamento na atividade voluntária vai se constituindo biograficamente através das experiências de vida, ou, colocado de outra maneira, quais são os motivos porquê (motivos biográficos) que orientam a ação de engajamento no voluntariado.

A proposta do trabalho é apresentar a compreensão de um caso único, o caso de Fernanda<sup>1</sup>, reconstruindo a sua biografia e mostrando ao leitor uma maneira única na qual essa ação de engajamento vai sendo construída biograficamente. Para tal intento utilizamos a metodologia da narrativa biográfica (os seus pressupostos teóricos bem como seus cinco passos analíticos são explicados em detalhes no capítulo três) que, diferente dos estudos quantitativos (onde se busca a demonstração estatística) visa-se mostrar como se formam as correlações de elementos em fenômenos específicos (ROSENTHAL, 2014). Iremos conhecer, conforme referimos, uma maneira única na qual o fenômeno vai se constituindo biograficamente, pois a metodologia da narrativa biográfica nos permite, segundo Rosenthal

---

<sup>1</sup> O nome é fictício e tem o propósito de preservar a identidade da biografada. Além dele, os nomes dos familiares, os centros de formação e instituições onde Fernanda foi capacitada, a cidade onde nasceu bem como o hospital em que trabalhou tiveram seus nomes trocados ou ocultados por questões éticas.

(2014), a descrição do ambiente e da ação social e possibilita a reconstrução da complexidade das estruturas da ação social a partir da compreensão do caso singular.

A nossa biografada, que teve a vida permeada de sofrimentos e superações, realiza atividade voluntária desde o ano de 2012 e trabalha atualmente como voluntária em um projeto social no qual o principal objetivo é acompanhar empaticamente doentes de câncer e doentes renais, dialogando com eles e ouvindo suas histórias de vida<sup>2</sup>.

Em assim sendo o objetivo geral deste trabalho é compreender como a disposição para o engajamento no voluntariado vai sendo construída a partir das experiências de vida do próprio sujeito e em sua relação com o contexto social.

Os objetivos específicos são os seguintes: a) Apresentar de maneira teórica o desenvolvimento do movimento voluntário no contexto social brasileiro bem como o impacto que suas atividades engendram; b) Expor os fundamentos teórico-metodológicos deste estudo, que passa pela compreensão da teoria da ação em Alfred Schutz e do método da narrativa biográfica b) Apresentar a reconstrução biográfica do caso de Fernanda, contrastando a vida narrada (a maneira como ela interpreta suas ações) com a vida vivenciada (os cursos de ação ou caminhos biográficos que foram escolhidos por ela); e c) Analisar as experiências biográficas de Fernanda, com a ajuda de bibliografia de apoio, com o intuito de compreender quais foram os *motivos porquê* de sua ação.

A justificativa do estudo, do ponto de vista científico, passa pela importância de se conhecer um fenômeno, no caso, o engajamento no voluntariado social, em seu caráter processual, ou, dito de outro modo, em seu movimento de formação, para além do significado imediato que o ator social tem de sua ação (*motivos a fim de*). A análise biográfica nos revela o ator social não isolado e descolado do contexto histórico-social, mas totalmente imerso nele: interpretando suas vivências e sendo por elas influenciado e orientado. Acredita-se que a metodologia desenvolvida por Gabriele Rosenthal, em possibilitando o acesso a elementos ainda não revelados da realidade, pode reforçar a importância de estudos que se utilizem de seu rigor metodológico. O empírico, nessa modalidade de pesquisa, revela de maneira inequívoca a relação entre o indivíduo e a sociedade, e pode favorecer a compreensão de outras modalidades de ação, conforme os interesses temáticos dos pesquisadores.

Ademais, um estudo biográfico sobre o tema é relevante na medida em que nos permite, conforme considera Rosenthal (2014), apreender o novo e o desconhecido, contribuindo com o conhecimento empírico sobre o tema.

---

<sup>2</sup> O nome do projeto será ocultado com o propósito de não tornar reconhecível a nossa biografada, preservando seu anonimato.

Do ponto de vista social, o conhecimento revelado a partir desse estudo, conquanto modesto, pode servir de subsídio a instituições que formam e alocam os voluntários em suas diferentes atividades. Acredita-se que o conhecimento de como essa disposição ao engajamento no voluntariado foi sendo construída e de quais elementos biográficos contribuíram nesse sentido, sejam experiências familiares, pressões sociais e etc. Podem favorecer essas mesmas instituições em seus propósitos de promoção de uma cultura solidária. O conhecimento, nesse caso, pode orientar as práticas institucionais.

Com relação à organização do trabalho, no segundo capítulo busca-se compreender o desenvolvimento do movimento voluntário no contexto da sociedade civil brasileira, bem como suas implicações em termos de fortalecimento dos laços sociais. Esse é um capítulo dedicado, portanto, a discussão da atividade em si, bem como do impacto social que suas ações engendram.

No terceiro capítulo apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos deste trabalho. No primeiro tópico (3.1) busca-se compreender, de maneira teórica, a ação voluntária e como ela é produzida a partir da relação entre indivíduo e sociedade. Para atender a essa proposta utilizamos como referência a teoria da ação de Alfred Schutz, e os seus conceitos de *mundo de sentido comum* e *situação biográfica determinada*. Pensamos/trabalhamos o engajamento no voluntariado dentro do enquadramento conceitual de ação social, à maneira do referido autor. No segundo tópico (3.2) são apresentados alguns estudos sobre o tema do engajamento no voluntariado e suas motivações bem como a maneira como abordamos a questão através do método da narrativa biográfica.

No quarto capítulo, dedicado à apresentação do caso biográfico de Fernanda, busca-se, a partir da análise detalhada feita através da metodologia da narrativa biográfica, desenvolvida por Fritz Schutze e aperfeiçoada por Gabriele Rosenthal, apresentar uma maneira na qual se dá o processo de constituição da ação de engajamento no voluntariado. Para tanto, será apresentado o quinto passo da análise metodológica, onde a vida narrada de Fernanda é contrastada com a vida vivenciada. A partir disso buscamos conhecer os *motivos porquê* de sua ação. Ademais ao longo da reconstrução do caso utilizamos uma bibliografia de apoio com o propósito de elucidar alguns conceitos e temas biográficos importantes da vida de Fernanda.

## 2 O VOLUNTARIADO

O voluntariado é um fenômeno importante para compreensão do desenvolvimento da sociedade civil no Brasil. Através de suas práticas, os movimentos da sociedade puderam se articular e se manter ao longo do devir histórico. Em assim sendo, o objetivo deste capítulo é apresentar o desenvolvimento histórico da atividade no Brasil, contextualizada no ambiente da sociedade civil. As implicações sociais desta atividade também serão analisadas, sobretudo no que se refere ao fortalecimento dos laços sociais através do exercício da solidariedade. Antes, contudo, iremos tratar da complexidade das definições conceituais presentes na literatura sobre o voluntariado, expondo, para tanto, os seus elementos práticos e simbólicos.

### 2.1 EM TORNO DAS DEFINIÇÕES

Antes de qualquer definição sobre a atividade voluntária e os valores que estão envolvidos na prática, cabe fazer uma importante distinção, conforme sugere Sberga (2001), entre o voluntariado internacional, que é realizado geralmente em países muito pobres, caracterizados por carências estruturais e onde o voluntário empenha-se durante todo o dia, durante um período de sua vida; e o voluntariado social, com o qual trabalhamos, e que caracteriza-se por se desenvolver em um ambiente de pertença, sendo realizado por cidadãos que, visando atender aos seus deveres diante da sociedade, interferem em tempo parcial em algum lugar onde existam problemas sociais.

Feita essa breve distinção, cumpre-nos expor algumas definições sobre o voluntariado, começando pelas mais sucintas, tais como a de Cavalcante et al. (2012, p.79), que considera que “ o voluntariado ou indivíduo voluntário são, portanto, atores que exercem atividades, desprendidos de uma remuneração financeira, em benefício de terceiros”.

Uma leitura mais idealista e menos pragmática é apresentada por Bezerra e Oliveira (2007). Os autores ressaltam os diferentes aspectos da sociedade que podem ser afetados com a atividade. A idéia é colocada nos seguintes termos:

O trabalho voluntário apresenta-se como uma possibilidade de transformar sonhos (visões) em realidade, de forma independente, prestando um serviço comprometido com a sociedade, alicerçado na democracia, objetivando promover crescimento mútuo para a construção de um mundo melhor, como instrumento de construção da cidadania (BEZERRA, OLIVEIRA, 2007, p.01).

O voluntariado é definido por Sberga como um ator organizado socialmente, não apenas pautado por considerações humanitárias, mas apto a atender demandas de liberdade e justiça. Para não perdermos nenhuma nuance de sua definição, a reproduzimos *ipsis litteris*:

Assim, pode-se dizer que o voluntariado atual é um ator social organizado, não para conduzir genéricas atividades humanitárias, mas para intervir na complexidade das relações humanas, para responder contemporaneamente às urgências imediatas e às instâncias profundas de liberdade e justiça para todas as pessoas do país e também para ajudar outros países que se encontram em situações difíceis (SBERGA, 2001, p.132).

Percebe-se que nessa definição o elemento da cidadania já aparece, pois a crítica que é feita nessa passagem é sobre o voluntarismo desorganizado e não atento às demandas atuais das sociedades modernas. Nessa definição, o autor não distingue o voluntariado local do internacional, mas antes busca elementos comuns à atividade voluntária em si.

O movimento voluntário é também definido por Roca (1994) a partir de sua dimensão política, não no sentido partidário do termo, mas em um sentido ampliado, que decorre da formação de uma espécie de compromisso político, delegado quase que exclusivamente aos partidos e aos profissionais. Além disso, o autor também define a atividade como uma ação solidária, apta a criar vinculações afetivas entre as pessoas através da ajuda recíproca.

O caráter transformador do voluntário é salientado nas considerações de Araújo (2008), que o considera um agente social ético, que possui consciência da importância da vida e da dignidade humana. Com efeito, pode ser um instrumento para o enfrentamento das questões relacionadas ao desenvolvimento humano-social. Ademais, sua participação está alicerçada em uma dimensão coletiva e não individualista, sendo um dos caminhos, segundo a autora, para enfrentar a política do mercado.

O sentido de gratuidade e pertencimento são aspectos essenciais que definem o voluntariado de acordo com Fernandes (1994), pois, segundo refere, as associações voluntárias: “Enfatizam a dimensão voluntária, fruto de decisões estritamente individuais. Implicam, portanto, um pertencimento igualmente responsável por estar ali, já que, em princípio, só está quem quer” (FERNANDES, 1994, p.91).

O trabalho voluntário ainda pode ser entendido enquanto uma busca por sentido, que permite o desenvolvimento e o amadurecimento da pessoa Meister (2003, p.86) ou na perspectiva da dádiva e da reciprocidade, conforme sustentam (CARVALHO et al., 2013; FIORAVANTI, 2006).

A importância de se definir a atividade em um contexto mais estrito, ou seja, realizada em um ambiente organizacional, é salientada por Penner (2002). Além do mais, o autor ressalta os aspectos de planejamento e engajamento em longo prazo que compreendem o exercício do trabalho voluntário. Em suas palavras:

Volunteerism can be defined as long term, planned, prosocial behaviors that benefit strangers and occur within an organizational setting. Based on this definition, volunteerism has four salient attributes: longevity, planfulness, nonobligatory helping, and an organizational context (PENNER, 2002, p.448).

Ao apresentar esse breve debate conceitual, não é intento nosso propor uma nova definição, mas apenas, ao levantar todos esses elementos trabalhados pelos pesquisadores, mostrar como essa ideia de voluntariado pode ser complexificada. Tanto os elementos mais práticos da definição (como a não remuneração, a gratuidade, e o exercício da cidadania) podem ser conjugados com os elementos que podemos categorizar como simbólicos (como a solidariedade, a busca por sentido e por reciprocidade). A partir, então, dessa breve apresentação sobre o voluntariado e suas nuances conceituais, damos seqüência à nossa pesquisa abordando o surgimento, as transformações e as possibilidades do movimento voluntário na sociedade civil brasileira.

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO DO VOLUNTARIADO NO BRASIL

A participação, na sociedade brasileira, das instituições sem fins lucrativos, lugar onde o voluntariado se expressa, tem sua origem no final do século XIX. Entretanto, a consolidação das referidas instituições governamentais ocorreu apenas em meados dos anos 60 e 70, período caracterizado por severas restrições políticas por ocasião da ditadura militar. Já nas décadas de 1980 e 1990 houve um crescimento no número das ONG's e uma maior visibilidade das mesmas (MATTOS e DRUMMOND, 2005). De acordo com Paiva (2003, p. 68): “Era a sociedade civil se preparando para assumir o seu poder de categoria política, de ator mobilizador e realizador no processo de redemocratização do país” (PAIVA, 2003, p.72).

Por ocasião da redemocratização do Brasil, a constituição que passou a ter vigência em cinco de outubro de 1988 ficou em um primeiro momento na dependência de 450 leis complementares para que pudesse se tornar efetiva. Estas medidas compreendiam variados aspectos, desde restringir o poder das forças militares até aumentar as liberdades individuais (ARAÚJO, 2008).

Concomitantemente à democratização, verificou-se uma deterioração dos serviços públicos no Brasil que, somados ao aumento da inflação e estagnação econômica, favoreceram o florescimento da sociedade civil e das iniciativas livres em face da insegurança do Estado (FERNANDES, 1994).

Contudo, Meister (2003) considera que não se pode fazer uma leitura da emergência da sociedade civil como que relacionado exclusivamente à crise dos serviços públicos oferecidos pelo Estado. Esta visão sugere, segundo o autor, uma concepção dicotômica entre Estado/sociedade e que, além disso, o movimento voluntário possibilitaria a emergência de uma nova lógica, projetando a sociedade civil como um espaço onde os agentes assumam responsabilidades sociais e não tomem para si propósitos de proteção pública das quais teriam a incumbência os governos<sup>3</sup>.

Em consonância com Meister (2003), Araújo (2008) considera que:

Na atualidade, atribuir ao voluntariado o valor de figurar na política social, como é apregoado, é o mesmo que atribuir ao mercado um legado do Estado na função de proteção social. O voluntariado não tem, por sua natureza e organização, condições de responsabilizar-se por necessidades coletivas, como a de proteção social (ARAÚJO, 2008, p.48).

Conforme considera Cardoso (1997), a sociedade civil consolida-se e cria sua própria identidade na medida em que se diferencia dos demais setores da sociedade, a saber: o Estado e o mercado. Ela é um espaço novo de ideias e práticas sobre a realidade social. A sua consolidação enquanto locus social rompe com a inflexível dicotomia entre público e privado, em que o público era orientado segundo as ações do Estado e o privado era sinônimo de atividade empresarial. O que se verifica contemporaneamente é o surgimento de uma esfera plural na qual predominam as iniciativas privadas com sentido público.

Um dos aspectos críticos de se pensar esse conjunto de forças da sociedade é tratá-lo analiticamente como uma categoria residual, como não raro é feita por grande parte dos sociólogos. A aproximação para a análise deste objeto deve ser feita de maneira positiva, científica; e não o recortando por negação e o tratando como uma categoria que sobra do mercado e do Estado (SOBOTTKA, 2002).

A sociedade civil compreende três grandes conjuntos de organizações, estruturadas de acordo com três diferentes tipos de solidariedade, são elas: organizações civis de fins públicos, orientadas a partir do altruísmo; organizações civis de fins coletivos, fundamentadas

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, Sérgio Costa (1994) considera que contemporaneamente há uma distinção, como em Gramsci, da sociedade civil e das esferas do mercado e do estado, buscando-se evitar tanto o liberalismo quanto o estatismo.

na lealdade de seus membros; e organizações civis de fins mútuos e de auto-ajuda, orientadas com base na expectativa de reciprocidade dos integrantes. De maneira geral, as organizações civis de fins públicos seriam representadas pelas ONG's de interesses difusos e outras; nas organizações de fins coletivos estariam os movimentos sociais de caráter mais político e as entidades de classe; e as organizações de fins mútuos compreenderiam os grupos de auto-ajuda e boa parte da filantropia empresarial e eclesial (SOBOTTKA, 2002).

Alguns autores possuem uma visão bem crítica sobre o tema e consideram que a atividade voluntária foi sendo, ao longo do tempo, cooptada de maneira política. Dagnino (2004) é uma das autoras que sustenta esta visão, quando afirma que o grande problema da atual leitura de sociedade civil, calcada na participação solidária e no que ela designou como “voluntarismo”, é a adoção de uma concepção estritamente individualista, que traduz a noção de solidariedade estando ancorada apenas na dimensão moral, destituindo, com isso, a palavra de seu sentido coletivo e político. A tudo isso a autora credita à dimensão social estruturante do projeto político-econômico neoliberal.

Leitura semelhante possui Landim (2003) quando refere que “Terceiro Setor” não é um termo neutro do ponto de vista axiológico, pois possui clara nacionalidade. Este termo é de procedência norte-americana, contexto social onde o voluntariado já está estabelecido como constituinte de uma cultura política pautada pelo individualismo liberal. Nessa cultura, a concepção dominante sustenta a precedência e prevalência do indivíduo com relação ao Estado<sup>4</sup>.

Por ser uma atividade longeva, existem registros de que o marco inicial da atividade voluntária date de cinco séculos atrás, por ocasião da fundação da Santa Casa de Misericórdia, na Capitania de São Vicente (SBERGA, 2001). O voluntariado tem suas raízes, portanto, na experiência de ajuda mútua e de caridade proposta pelos religiosos da época. O cristianismo, sobretudo o de matriz católica, foi responsável pelas primeiras instituições de benemerência e de assistência social.

Nos séculos XVII e XVIII grande parte das instituições filantrópicas ainda estava ligada à Igreja Católica. Somente mais tarde surgiria o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que ainda existe em seu propósito de assistência às vítimas de guerras; e o movimento escoteiro, cuja finalidade é ajudar as pessoas em quaisquer situações e ocorrências (SBERGA, 2001). Sobre esse contexto, Fagundes (2005) afirma que:

---

<sup>4</sup> Não é objetivo nosso adentrar nem tomar partido neste complexo debate sobre a possível apropriação ideológica que é feita da atividade voluntária. O nosso objetivo é mais modesto e consiste em oferecer ao leitor uma compreensão mínima sobre o contexto sócio-histórico de desenvolvimento da atividade no Brasil, bem como sobre algumas implicações ou benefícios sociais que podem ser auferidos a partir da atividade.

No século XVIII, a caridade adquire uma conotação de virtude de cunho humanitário, trazendo em seu bojo, a idéia de fraternidade e solidariedade; transparece, através da compaixão, da benevolência e da filantropia, um traço da caridade que caracterizava as sociedades modernas como resultado da desigualdade social que já estava presente (FAGUNDES, 2005, p.14).

Já no período contemporâneo, na era Vargas, nos anos 1930, o Estado, centralizador de políticas, passou a contribuir de maneira importante para o voluntariado, promulgando no ano de 1935 a Lei de Declaração de Utilidade Pública, que tinha o propósito de regular a relação entre o Estado e as instituições de caráter filantrópico e, posteriormente, no ano de 1942, por ocasião da criação da Legião Brasileira de Assistência (SBERGA, 2001, p.40).

As demandas sociais do período compreendido entre 1930-1945 eram atendidas desde uma orientação populista, através de ações de assistência social. Essas ações eram compartilhadas com a sociedade civil da época, que as materializava através da implementação de programas de voluntariado. Este período foi marcado por uma lógica específica: por um lado observava-se um contexto de urbanização e crescimento da indústria e por outro, havia um tensionamento das questões sociais (ARAÚJO, 2008).

No final do seu governo, em 1945, o presidente Vargas é afastado devido a pressões políticas. Com o seu apoio eleitoral, o General Eurico Gaspar Dutra o sucede e dentre tantas coisas, procura acomodar, em meio a um contexto de crescimento industrial acelerado, as tensões políticas. Vargas retorna ao governo através de eleições diretas no ano de 1951. Entretanto, o mandato não tem prosseguimento em razão do seu suicídio no ano de 1954 (ARAÚJO, 2008).

No ano de 1977 surge no Brasil a Pastoral do Menor, onde o trabalho voluntário era realizado. No mesmo momento, nas chamadas comunidades eclesiais de base, as mulheres organizavam-se para prestar atendimento às crianças carentes. Todos os projetos desta Pastoral tinham sua origem em atividades voluntárias (SBERGA, 2001, p.41). São, ademais, movimentos essencialmente populares e sem vinculações com o Estado, conforme refere Fernandes (1994):

Os movimentos sociais dos anos 70 e 80 desenvolveram-se à margem das fontes de recursos locais. Evitavam relações com o Estado e não eram parceiros das empresas privadas. Apoiados em mobilizações voluntárias em situações locais, não exploravam tampouco as potencialidades do mercado como um veículo de comunicação (FERNANDES, 1994, p.79).

Estamos falando do período que compreende o regime militar, que se caracterizou, do

ponto de vista político, como um período singular e de exceção, e que, do ponto de vista econômico, compreendeu um projeto que tinha como objetivo alçar o Brasil ao status de potência internacional. Entretanto, o projeto militar começou a se deteriorar a partir dos anos 1979, por ocasião do segundo choque do petróleo e as conseqüentes mudanças na gestão da política econômica do país (ARAÚJO, 2008).

Entretanto, é a partir dos anos de 1990 que as ações voluntárias ganham força, por conta do Programa de Cidadania Contra a Miséria e pela Vida. A preocupação central do referido programa era de combater a fome, na ocasião, um dos graves problemas enfrentados pelos brasileiros. Posteriormente, visava-se sensibilizar o Estado, convocando-o para um papel efetivo na promoção do desenvolvimento igualitário (MEISTER, 2003, p.111).

Na mesma década surge o Programa Comunidade Solidária, que tinha como objetivo abrir um canal de diálogo entre o Estado e a sociedade civil. Seu formato congregava atores públicos de diversos campos, como igrejas, empresas, universidades e ONG's (CARDOSO, 1997). A idealizadora do projeto ressalta a importância da atuação da sociedade civil, sem negar as necessárias funções do Estado, quando refere que: “O lugar das ações do governo, a meu ver, está claramente demarcado. Cabe ao governo garantir os direitos essenciais e universais dos cidadãos, os quais, por sua vez, podem e devem exigir que isso se faça de modo eficiente e equitativo” (CARDOSO, 1997, p.10).

Conforme explica Araújo (2008), o Programa referido tinha como objetivos: a descentralização das ações do governo nos âmbitos estadual, municipal e ministerial; a articulação das ações governamentais a partir do conjunto de programas prioritários; o afastamento das antigas práticas de clientelismo e do favor, concentrando-se nos direitos de cidadania; e por último, a eleição de 300 municípios para o desenvolvimento de ações em parceria com a sociedade civil. Ações estas que eram sustentadas pela crença de que o êxito delas dependia em grande medida da participação do Estado, dos municípios e da sociedade civil.

A sociedade civil revela sua importância, de acordo com Toro (1997), na medida em que contribui para a formação de uma cultura democrática decorrente da participação ativa dos cidadãos nas questões de interesse público. As ações neste espaço devem, ademais, possibilitar a formação de uma pedagogia social (“Paidéia democrática”), uma nova cultura em que os cidadãos possam se construir e se enxergar como protagonistas da construção democrática e, portanto, do seu próprio dever. As intervenções no terceiro setor possuem características distintas e criam repercussões sociais igualmente distintas: “Se a intervenção é assistencialista, cria a dependência; se é autoritária, cria a baixa auto-estima; se é clientelista,

cria uma cultura de adesão; se é democrática, cria a cidadania e autonomia” (TORO, 1997, p. 36).

No Brasil, os dados revelam, de acordo com pesquisa realizada em 2014 pela Fundação Itaú Social e Instituto Datafolha, que três em cada dez brasileiros já realizaram algum trabalho voluntário ao longo da vida. 28% dos brasileiros assumiram já ter realizado a atividade, sendo que 11% continuam na mesma. Ainda segundo a pesquisa, o gênero não é significativo quando se trata de engajamento no voluntariado: das pessoas que realizam a atividade, 51% delas são homens e 49% são mulheres. Ademais, cerca de metade dos voluntários ativos possuem alguma formação superior e encontram-se na faixa etária entre 35 e 50 anos<sup>5</sup>.

De atividade assistencial básica e orientada por valores atrelados às religiões tradicionais, como a caridade, o movimento voluntário vem ganhando um novo formato, conforme sugere Sberga (2001), sendo concebido como participação cidadã, ou na perspectiva da solidariedade. Segundo refere Fernandes (1994, p. 96), ao longo do século XX: “Grandes instituições e toda uma legislação especial foram desenvolvidas para proceder à transformação secularizante da caridade tradicional”.

Nesse sentido, o autor considera que a abrangência e a generalização do conceito de cidadania contribuiu sobremaneira para essa transição. Não é somente o indivíduo em sua dimensão moral que é convocado a contribuir, mas também as instituições passam a ser reconhecidas socialmente enquanto atores públicos importantes. (FERNANDES, 1994).

Tradicionalmente, conforme já referido, o trabalho era realizado normalmente por pessoas com algum vínculo com o catolicismo, que atuavam em lugares como hospitais, creches, orfanatos ou asilos, tendo como motivo principal a caridade. O entendimento da caridade como tão somente ajuda material, pode ter sido uma das razões para o estigma dessa palavra nas esferas cultural e política. Baseado na Encíclica Papal intitulada *Caritas in Veritate*, podemos interpretar a caridade não como algo alheio a justiça, mas intimamente ligado a ela:

A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro do que é “meu”; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é “dele”, o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso dar ao outro do que é “meu”, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça (CARITAS IN VERITATE, 2009, p. 09).

---

<sup>5</sup> SOCIAL, Itaú, Fundação. Dados disponíveis em: <<http://www.fundacaoitausocial.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2015.

Ademais, o amor expresso através da caridade é o querer bem alguma pessoa, trabalhando eficazmente para obtê-lo. E ao lado desse bem individual há um bem que diz respeito à vida social, sendo denominado bem comum. E é buscando esse bem que o cristão deve valer-se das instituições que fundamentam a vida em sociedade, sejam elas jurídicas, políticas e culturais (CARITAS IN VERITATE, 2009).

Entretanto, a leitura moderna que se faz da atividade voluntária compreende também, além do aspecto de assistência, elementos políticos e econômicos, de modo que há uma íntima relação do voluntariado com a questão da cidadania e suas dimensões civis, políticas e sociais<sup>6</sup>. O movimento voluntário adquiriu ao longo dos anos força para pressionar e negociar com os governos, tornando-se, deste modo, um ator importante na interlocução para a elaboração de políticas públicas. Para além de um mero reparador das situações de contradição social, seus propósitos hoje estão mais direcionados à criação de redes solidárias que visam transformar os mecanismos estruturais que produzem a exclusão e a marginalização de pessoas (ROCA, 1994, p.70).

Pode-se falar que o voluntariado favorece a visibilidade dos “assistidos”, permitindo a sua comunicação com os centros de decisão política, a partir de onde a vida coletiva se organiza:

Esse novo voluntariado tem por objetivo habilitar os excluídos a se tornarem, eles mesmos, promotores da cidadania. Para isso, necessita-se de uma “educação para a política” que supõe uma consciência ética da parte do voluntariado, e solicita também dos destinatários uma generosa disponibilidade para sair de uma atitude puramente passiva, de objetos da ação voluntária. Com isso o voluntariado dá voz a quem não tem e leva essa voz ao coração da sociedade política, lá onde se decidem políticas sociais e se organiza a vida coletiva (SBERGA, 2001, p.138).

Ocorre no Brasil a convivência entre o voluntariado mais ligado às religiões tradicionais, com propósitos de evangelização e assistência, e o fundamentado na perspectiva da solidariedade, com uma leitura mais atual. Este último ganha força por ocasião do florescimento das ONG’s em um contexto de internacionalização. Segundo Sobottka (2002), é a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento,

---

<sup>6</sup> Na classificação do Direito Internacional dos Direitos Humanos ocorre a aglutinação dos direitos civis e políticos em uma só categoria, deste modo a classificação toma o seguinte formato: direitos civis e políticos (1ª geração), direitos econômicos sociais e culturais (2ª geração) e direitos de solidariedade ou difusos (3ª geração) (WEISS, 1999). Cabe ressaltar ainda que a divisão geracional dos direitos decorre do próprio processo histórico, quando a diferenciação e especialização das instituições políticas e econômicas produzidas pela modernidade tornou distantes as modalidades de direitos, antes amalgamadas por ocasião da pouca complexidade institucional do período medieval (MARSHALL, 1967).

popularmente conhecida como ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, que a terminologia ONG passou a ser utilizada, referindo-se a praticamente qualquer espécie de organização da sociedade civil. Cabe ressaltar que muitas dessas entidades têm suas origens a partir dos movimentos sociais e tomaram esse formato com o propósito de receber recursos dos organismos internacionais.

O exercício do trabalho voluntário, conquanto seja objeto de reflexões e críticas inesgotáveis, tão variadas quanto os matizes político-ideológicos existentes na sociedade, pode, de maneira objetiva, favorecer o resgate de valores comunitários, como o respeito, a solidariedade e a convivência com o próximo, que acabaram se perdendo um pouco com o estabelecimento dos padrões de sociabilidade modernos, precarizando, com isso, os laços sociais. A seguir, trataremos, portanto, sobre a possível qualificação dos laços sociais a partir dos valores que emanam desta atividade.

### 2.3 O VOLUNTARIADO, A SOLIDARIEDADE E O LAÇO SOCIAL EM FACE DO INDIVIDUALISMO MODERNO

A fluidez e a precariedade dos laços sociais parece ser um dos elementos decorrentes da modernidade. A busca pela autonomia e pelo desvenciliamento das tradições, proposto pela ideologia moderna, colocou o homem diante de um paradoxo: em um mesmo movimento ele procura o “voltar-se para si mesmo”, como forma de autoconhecimento e reconhecimento de si enquanto sujeito singular e único; por outro lado, em todo o lugar percebe-se uma inquietação com o enfraquecimento dos laços e com a falta de um sentido de vivência coletiva.

O enfraquecimento dos laços sociais é analisado por Bauman (2009) nos seguintes termos:

O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. Assinalou também que a comunidade estava perdendo o poder- e/ ou interesse- de regular normativamente a vida de seus membros (BAUMAN, 2009, p.31).

Para Giddens (1991), os modos de vivência que foram engendrados pela modernidade nos apartaram de todos os tipos tradicionais de ordem social, de maneira única e sem

precedentes na história<sup>7</sup>. A globalização, em suas variadas dimensões, favoreceu a interconexão social e, ademais, impactou profundamente a vida cotidiana dos homens<sup>8</sup>. As relações entre os indivíduos passaram a ocorrer em espaços mais amplos, não restritos somente aos locais de sociabilidade, o que o autor chamou de desencaixe: “Por desencaixe me refiro ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p.31).

Sem adentrar no complexo debate entre a caracterização conceitual do período contemporâneo, se diz respeito a um aprofundamento da modernidade, como em Giddens (1991), ou então a uma modernidade leve ou líquida, como em Bauman, (2001), o fato é que há décadas os padrões de sociabilidade têm sofrido constantes transformações, e isso pode ser verificado nas relações de trabalho, nas comunidades locais e nas famílias. .Ao caracterizar os “novos tempos”, Ianni (2011) considera que:

Tudo o que parecia estável transforma-se, recria-se ou dissolve-se. Nada permanece. E o que permanece já não é a mesma coisa. Modificam-se os significados das coisas, gentes e idéias. Alteram-se as relações do presente com o passado; e o futuro parece ainda mais incerto (IANNI, 2011, p.239).

Entretanto, mesmo diante desse ambiente social de constantes mudanças e de valorização da autonomia individual, o movimento voluntário atravessou o tempo histórico resguardando valores considerados tradicionais de sociabilidade e importantes para o fortalecimento dos laços sociais, embora tenha incorporado muitas ideias e conceitos novos.

Segundo Quintas (1998), a revalorização da vida cotidiana pode ser feita através de gestos que, embora possam ser considerados menores e menos impactantes, trazem em si um potencial criador, propondo novas maneiras de se pensar as relações humanas. Em suas palavras:

La mayoría de las acciones humanas, incluso de las que pueden parecer anodinas por carecer de brillantez, presentan un carácter creador si colaboran a fundar ámbitos nuevos de realidad o a incrementar y enriquecer los ya existentes. Estoy en la calle y un forastero me pide una orientación. Si pongo interés en facilitársela y lo hago con afabilidad, realizo un acto creador, por fugaz que sea. Ese gesto de ayuda significa un encuentro en germen, una interacción personal, y suscita un sentimiento de gozo (QUINTAS, 1998, p.164).

---

<sup>7</sup> Segundo Avritzer (2002), o surgimento de estruturas com alto nível de abstração, tanto no campo da política quanto no da economia, revelam o processo de passagem de uma sociedade tradicional ou comunitária para uma sociedade moderna.

<sup>8</sup> SANTOS (1997) chega a falar em Globalizações, no plural, para distinguir da globalização fundamentada apenas na emergência de uma economia mundial.

Para Carvalho et al. (2013), o reconhecimento do outro como sujeito de dignidade pode favorecer o desenvolvimento de um padrão relacional que não diminua o “assistido” ou o torne sujeito de uma relação de domínio. Tudo isso decorre de atitudes de acolhimento e de troca. Ele coloca essa idéia nos seguintes termos:

[...] no centro da ação voluntária devem estar às pessoas com os seus sofrimentos, mas também os seus sonhos e esperanças; o respeito pelo outro, investido desta dignidade, obriga que o primeiro passo na construção da relação esteja assente em atitudes de acolhimento, atenção, dádiva e não em afirmações individualistas, egoístas, paternalistas ou de domínio (CARVALHO, 2013, p.22).

A solidariedade, conforme considera Meister, é o fundamento e a motivação principal para o agir voluntário. Segundo define, solidarizar-se é compartilhar experiências com as pessoas, transmitindo conhecimentos e estando aberto a receber coisas novas. Segundo o autor, no interior das ações voluntárias existe um sentimento de empatia, de sentir-se afetado pelos problemas dos outros, acolhendo as pessoas de maneira radical e, com isso, respeitando quem elas são (MEISTER, 2003, p. 62-64). Esse acolhimento fundamenta-se no compromisso com a dignidade humana que, segundo Zilles (2012), não diz respeito ao comportamento das pessoas, mas da sua condição de ser humano, da sua própria natureza, de modo que toda pessoa é possuidora de direitos e deveres, sendo credora de respeito e consideração por parte dos demais<sup>9</sup>.

Conquanto tenha uma leitura bem mais política do voluntariado, não no sentido partidário do termo, mas no sentido da cidadania, Sberga (2001) também ressalta o aspecto da troca simbólica ocorrida na relação voluntária, quando considera que o indivíduo que trabalha voluntariamente não espera um retorno idêntico da outra parte, mas algo diferente, uma prestação diferenciada. Sobre a troca simbólica que ocorre, o autor prossegue: “A troca simbólica apreende com força o conceito de reciprocidade, compreendida como confiança recíproca e como convicção de que todo o ser humano tem algo de si para dar ao outro” (SBERGA, 2001, p.127).

Alguns estudos empíricos sugerem, de igual modo, o trabalho voluntário como qualificador dos laços sociais. A pesquisa de Carvalho et al. (2013) sobre o voluntariado de tipo missionário, em Portugal, intitulada “Voluntariado: Missão e dádiva”, que analisou o voluntariado internacional de inspiração religiosa, chegou às seguintes conclusões sobre os

---

<sup>9</sup> Este conceito de dignidade humana, com uma leitura moderna, possui um caráter apriorístico e está fundamentado na filosofia Kantiana. Para Kant (2014) existem conceitos e valores que são acessíveis através do uso da razão pura, sem a necessidade de se recorrer à experiência empírica. Esse tipo de conhecimento ele designou de *a priori*.

padrões relacionais estabelecidos durante as missões: as motivações para a prática do trabalho voluntário alteraram-se durante a experimentação da atividade, de modo que houve uma passagem de motivações mais centradas em si mesmo para motivações de tipo altruísta ou heterorreferenciadas. O estudo também apontou que, em sua prática, os voluntários pesquisados, quando se mostraram abertos a aprendizagem conferida pela experiência, tiveram suas ações guiadas por motivações de tipo altruísta, estabelecendo, com efeito, o padrão da dádiva como maneira de tecer o laço social (CARVALHO et al., 2013).<sup>10</sup>

Cabe ressaltar, entretanto, que a reciprocidade vivenciada é de tipo assimétrico, e o que está orientando a relação não é o valor de troca de tipo material, mas de tipo simbólico, uma vez que o que circula está fundamentado na dimensão dos significados (CARVALHO et al., 2013).

De igual modo, o estudo de Fioravanti realizado com voluntários que atendem crianças doentes em um hospital de Curitiba, no Estado do Paraná, já em um contexto secular, chegou a resultados empíricos semelhantes. A relação de reciprocidade foi verificada pelo autor não somente entre os voluntários e as crianças, mas entre os demais agentes do hospital:

O “dar, receber e retribuir” estaria envolvendo as diferentes partes da relação que foram exploradas aqui, mas que também se desdobram em múltiplas, criando outras tantas relações obrigatórias de troca, seja entre os voluntários e o hospital, entre os voluntários e os pais das crianças, entre o corpo clínico e os voluntários e assim por diante. Ao dar ou compartilhar suas experiências com os voluntários, as crianças estariam dando uma parte de si mesmas - “gratidão”-, que é aceito pelos voluntários como recompensa (FIORAVANTI, 2006, p.121).

Esses achados empíricos vão ao encontro das considerações de Caillé (1998), que versam sobre a existência de uma dimensão de simbolismo que se estabelece entre os agentes, quando em relação, e que perpassa a dimensão material das trocas. Entretanto, não se deve subestimar a legitimidade dos interesses materiais e imediatos existentes em todas as relações humanas. O que se deve ressaltar, todavia, são os elementos estruturantes dessas mesmas relações, pois qualquer ordem social tem como base elementos simbólicos que não são tão evidentes, pois a transcendem (CAILLÉ, 1998).

Para Roca (1994 p.63-64), é a compaixão o primeiro elemento da solidariedade e que conforma as ações voluntárias. O sentir-se afetado pelos sofrimentos do outro é um dos móveis que levam os indivíduos a agir. Contudo, segundo refere, ser voluntário não

---

<sup>10</sup> Segundo Caillé (2002, p.192), a dádiva é: “Toda ação ou prestação efetuada sem expectativa, garantia ou certeza de retorno; por esse fato, comporta uma dimensão de gratuidade”.

representa apenas sofrer por compaixão, mas reconhecer o outro como um ser humano que possui potencialidades, atributos e capacidades intrínsecas.

A solidariedade é, nas palavras de Meister (2003, p.64), criadora de vida e de integração entre as pessoas: as aproxima, cria movimentos sociais de caráter reivindicatório. Equilibra, portanto, o eu egoísta individualista e os interesses da coletividade. Conquanto as motivações para o exercício da atividade voluntária variem muito de indivíduo para indivíduo, o aspecto ético da atividade e a sua gratuidade (no sentido de que ninguém é obrigado a fazer) é ressaltado pelo autor nos seguintes termos:

Na ação voluntária, ninguém pode ser obrigado a engajar-se. O engajamento é resultado de prioridades que alguém propõe para sua vida de modo decidido e solidário. Se não há um fator que o obriga a engajar-se, pois parte de uma decisão pessoal, o assumir exige, de quem o faz um compromisso. Ao decidir pelo voluntariado, a pessoa o faz em liberdade, mas, ao tomar a decisão, assume uma posição ética de compromisso (MEISTER, 2003, p.77).

O compromisso do voluntário com a sua atividade cumpre um relevante papel na qualificação dos laços sociais, na medida em que o voluntário descompromissado ou de ocasião reforça o padrão fugidio dos laços engendrado pelo individualismo exacerbado que expomos e analisamos criticamente. Para Meister (2003), é da decisão livre do agente e da demanda por trabalho das instituições da sociedade civil que se cria o laço, que está para além de um contrato, visto que pressupõe reciprocidade e comprometimento pessoal.

Tendo em vista essas considerações arroladas até aqui sobre algumas implicações da atividade voluntária no meio social, no próximo capítulo iremos analisar como a ação de engajar-se voluntariamente pode ser entendida a partir da teoria da ação de Alfred Schutz, e perscrutada empiricamente através da metodologia desenvolvida por Fritz Schütze e aperfeiçoada por Gabriele Rosenthal, denominada narrativa biográfica.

### 3 A COMPREENSÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO COMO AÇÃO SOCIAL: TEORIA E MÉTODO

Compreender os fenômenos sob a perspectiva do agente configura uma das características das abordagens sociológicas fundamentadas na fenomenologia. Nesse tipo de abordagem o indivíduo não é visto como uma peça descolada do contexto social em que vive, mas inserido nele, conquanto tenha um acesso único a esse contexto em função de sua situação biográfica, o que lhe permite conhecer as coisas de maneira singular e distinta dos seus contemporâneos, conforme a leitura de Alfred Schutz.

Olhar o voluntário, esse ator importante para o fortalecimento da sociedade civil e para a qualificação dos laços sociais, sob uma nova perspectiva, pode revelar, entre tantos aspectos, os elementos biográficos ou as situações vivenciais e sociais que contribuiram de maneira fundamental para que o indivíduo criasse a disposição para engajar-se no voluntariado.

O objetivo deste capítulo é entender alguns macro conceitos fenomenológicos importantes para a nossa pesquisa empírica, como os de *mundo da vida cotidiana*, *situação biográfica e ações sociais*, sempre os trabalhando de maneira relacional. O engajamento na atividade voluntária pode ser entendido como uma ação tomada pelo ator social. Ação esta que é engendrada a partir da relação dialógica entre o mundo da vida cotidiana (lugar do conhecimento compartilhado e da cultura) e a situação biograficamente determinada. Por fim, no último tópico apresentaremos alguns estudos e a maneira pela qual abordaremos o tema: a partir da metodologia da narrativa biográfica.

#### 3.1 A TEORIA DA AÇÃO EM ALFRED SCHUTZ

##### 3.1.1 O mundo da vida cotidiana

O ponto de partida para a compreensão da teoria da ação em Schutz passa pelo entendimento do conceito de *mundo da vida cotidiana*<sup>11</sup>. Por mundo da vida cotidiana entende-se uma realidade que é central e pressuposta, ou seja, que é dada como certa por

---

<sup>11</sup> Mundo de sentido comum, mundo da vida diária e mundo cotidiano são expressões similares, encontradas na literatura, e que expressam a mesma idéia.

todos os homens<sup>12</sup>. Uma dimensão pública na qual eles compartilham, trabalham e orientam suas vidas (NATANSON, 2008).

A intersubjetividade é uma característica essencial deste mundo. Nele não existem apenas objetos físicos, mas também os meus semelhantes, ou “alteregos”. Alguns corpos com os quais me relaciono nesse mundo cotidiano ou de sentido comum não são apenas inertes, mas dotados de uma consciência cognitiva semelhante à minha própria, que formam uma unidade psicofísica. Em sendo assim, o conhecimento de mim mesmo e dos outros (quando entro em relação com eles) possibilita a existência de nosso mundo compartilhado (NATANSON, 2008).

Para Berger e Luckmann (2002), o mundo da vida cotidiana é a realidade por excelência, onde a consciência experimenta a máxima tensão, ou seja, é o lugar onde a atenção deve estar sempre em alta dado o caráter imperioso desta dimensão da vida humana. Ademais, é a zona da experiência que reclama imediato atendimento, de modo que o interesse dos homens em zonas mais distantes desta realidade torna-se rarefeito. Para exemplificar o que foi referido:

Tipicamente meu interesse nas zonas distantes é menos intenso e certamente menos urgente. Estou interessado no aglomerado de objetos implicados em minha ocupação diária, por exemplo, o mundo da garagem se sou um mecânico. Estou interessado, embora menos diretamente, no que se passa nos laboratórios de provas da indústria automobilística em Detroit, pois é improvável que algum dia venha a estar em algum destes laboratórios, mas o trabalho aí efetuado poderá eventualmente afetar minha vida cotidiana (BERGER e LUCKMANN, 2002, p.39-40).

Os antecedentes destas reflexões podem ser encontrados em Bergson. Ele divide a vida humana em planos distintos de experiência, cada qual representando um nível diferente de tensão à consciência, no qual o plano da ação, diferentemente do plano do sonho, representa o nível em que há um aumento considerável no nível da tensão, devido ao maior interesse dos homens para o enfrentamento de situações da realidade cotidiana. A “attention à la vie” é, portanto, o elemento que define os interesses dos homens na vida, bem como as coisas que são relevantes para os mesmos. Com efeito, faz os homens voltarem-se ora para o presente, com a atenção voltada para os objetos do mundo físico, ora para o passado, em uma atitude de reflexão a fim de reinterpretar as experiências que foram vivenciadas (SCHUTZ, 1979).

---

<sup>12</sup> As expressões utilizadas nesse capítulo serão utilizadas à maneira dos referidos autores. Não há uma distinção conceitual entre as expressões “homens”, “indivíduos” e “atores” nos autores citados nesse capítulo, sendo assim, não iremos fazer uma unificação arbitrária das expressões, a fim de nos mantermos fiéis às fontes.

Por compartilhar uma linguagem e outros elementos comuns, como conhecimentos práticos, o homem dentro do contexto da vida cotidiana pode ser entendido pelos outros homens e trabalhar com eles. Há um mundo que os circunda e que é constituído por padrões que são compartilhados por todos, o que torna essa realidade, humana e fundamental. Além disso, o mundo de sentido comum apresenta um caráter duplo: tanto ele oferece recursos e conhecimentos para os atores superarem objetivos, como ele pode em alguns casos limitar as possibilidades livres de ação (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973).

Na atitude de senso comum, ou atitude natural, o homem toma por certo o mundo como ele se apresenta, sem questioná-lo ou problematizá-lo, até segundo aviso. Isso quer dizer que enquanto os problemas cotidianos são resolvidos pelo quadro de conhecimentos presentes, esse quadro não é objeto de uma problematização (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973).

Os autores enumeram ainda os elementos que são tomados por certo pelo homem em atitude natural, quais sejam: que os outros homens têm uma existência corporal; que esses corpos são animados por uma consciência que é semelhante a minha; que as coisas do mundo exterior são basicamente as mesmas e tem o mesmo significado compartilhado; que os homens entram em contato e ações recíprocas com seus semelhantes e que eles podem ser entendidos uns pelos outros. Como decorrentes das premissas anteriores, assume-se que: o mundo em sua dimensão histórico- social já é predefinido enquanto um quadro interpretativo para mim e meus contemporâneos e, em sendo assim, as situações em que me encontro são somente em parte, ou em pequena medida, criadas inteiramente por mim (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973).

Contudo, a partir do momento em que o homem se defronta com problemas que exigem novos conhecimentos, surgem momentos de crise e de busca por novas maneiras de se resolver os problemas. O estoque de conhecimento, que nada mais é do que os conhecimentos sedimentados nos indivíduos em decorrência de suas experiências biográficas, é então problematizado, o que acaba por engendrar novas formas de conhecimento que irão se incorporar ao longo do tempo nos esquemas de referência tomados por certo ou não questionados até segundo aviso ( SCHUTZ e LUCKMANN, 1973). Desta forma, embora esse mundo já esteja em grande medida interpretado, ele aparece a nossa experiência atual e reclama novas interpretações (SCHUTZ, 1979).

A realidade que os homens experimentam já foi, desta maneira, ordenada por outros. Ela é constituída por padrões anteriormente definidos e que já existiam antes da entrada em cena dos atuais atores. A linguagem tem o papel de ordenar a vida cotidiana dos homens,

fornecendo significados para a mesma e também para o agir no mundo (BERGER e LUCKMANN, 2002). Os autores ainda esclarecem essa ideia oferecendo alguns exemplos:

A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivizações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde os abridores de lata até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; vivo dentro de uma teia de relações humanas de meu clube de xadrez até os Estados Unidos da América, que são também ordenados por meio do vocabulário (BERGER e LUCKMANN, 2002, p.38-39).

As relações entre os homens na vida cotidiana se efetivam principalmente através do contato direto ou, dito de maneira conceitual, em relações de tipo face a face. Todas as demais maneiras relacionais decorrem deste primeiro tipo (BERGER e LUCKMANN, 2002). Os autores caracterizam essas relações imediatas e necessárias da seguinte maneira:

Na situação face a face o outro é aprendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vívido presente sou aprendido por ele. Meu “aqui e agora” colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face (BERGER e LUCKMANN, 2002, p.47).

As relações face a face caracterizam-se, além disso, por serem extremamente flexíveis. Dito de outro modo, os padrões de intercâmbio são continuamente modificados ao longo do processo relacional devido às trocas de significações subjetivas. Ao me relacionar com determinada pessoa, por exemplo, que considero hostil, busco por padrões em meu estoque de conhecimento que me ajudem a enfrentar este tipo de relação. Se, contudo, ao longo da interação a pessoa não corresponder a essa expectativa e mesmo contradizê-la, mostrando-se ao invés de hostil, amigável, então deverei valer-me de outros esquemas de referência para interpretar e agir de acordo com a situação inesperada que a relação face a face está me colocando (BERGER e LUCKMANN, 2002).

A maneira como o homem se apropria deste conhecimento compartilhado no mundo de sentido comum vai depender de sua situação biográfica, que está sempre determinada pelo contexto em que vive e têm suas experiências. Sobre isso, trataremos a seguir.

### **3.1.2 A situação biográfica determinada**

O homem está sempre em uma situação biográfica determinada, de modo que ele possui suas próprias experiências e um estoque de conhecimentos singular. O modo como as

situações cotidianas são definidas passa por uma seleção de elementos situacionais que o ator considera relevantes para seus empreendimentos, esses meios utilizados são chamados de “propósitos a mão” (SCHUTZ, 1979).

A situação biográfica dos atores e seu estoque de conhecimento possuem uma história que é, conforme referido, única. Em cada situação da vida cotidiana a estrutura ontológica do mundo chega ao agente de maneira impositiva, limitando suas possibilidades. Além disso, a dimensão cultural, também se impõe. Pode-se inferir que a situação é pré- estruturada e limitada desde o início e esse conhecimento é um elemento precípua do estoque de conhecimento (SCHUTZ e LUCKMANN, 1973). Porém, conforme considera Natanson (2008), este mundo está apenas parcialmente determinado:

Cada uno de nosotros acepta este mundo, no solo como existente, sino como existente antes de nuestro nacimiento; no solo como habitado por semejantes, sino como interpretado por ellos de maneras típicas; no solo como poseedor de un futuro, sino como poseedor de un futuro que, en el mejor de los casos, solo está parcialmente determinado ( NATANSON, 2008, p.18).

O modo como os atores interpretam as diferentes situações que lhes chegam do mundo de sentido comum está baseado, sobretudo, em seus motivos, desejos e aspirações. As formas sociais de conhecimento se expressam de diferentes modos em uma vida individual, de modo que a situação biográfica e o fluxo de experiências dos atores condicionam suas interpretações e atividades posteriores (NATANSON, 2008. p. 17).

O estoque de conhecimento deve ser compreendido como um fluxo contínuo e aberto a mudanças. A cada nova experiência esse conhecimento sedimentado se alarga e se torna mais rico. Além disso, ao empreender uma solução para um problema cotidiano, o ator pode valer-se de experiências similares que vivenciou no passado ou então, diante de um problema novo e não vivenciado (uma situação estranha), buscar por novas maneiras para a resolução de seus problemas (SCHUTZ, 1979).

Existem algumas coisas que são significativas para os atores em quaisquer momentos, outros elementos que não são de interesse, a isso Schutz (1979) designou por sistema de relevância, que não é outra coisa senão os elementos selecionados pelos indivíduos para buscarem materializar seus propósitos à mão. Os nossos interesses, segundo o autor, formam um sistema, que compreende interesses teóricos e práticos, e é a partir deles, então, que a situação é determinada pelo ator social de duas maneiras básicas: ou como podendo ser resolvida com a ajuda do conhecimento à mão, permanecendo, portanto, inquestionável; ou sendo problematizada, devido à impossibilidade de equacioná-la com o conhecimento

disponível. Além disso, o sistema de interesse individual determina, “o que deve ser conhecido, e com que grau de clareza e precisão deve ser conhecido, para a resolução do problema em causa” (SCHUTZ, 1979, p.74).

O estoque de conhecimento à mão não possui como característica a homogeneidade. Ele é antes constituído por núcleos distintos, que gradam desde um pequeno núcleo de conhecimentos claros e consistentes, até outros que compreendem conjuntos de crenças, preconceitos, suposições e por fim, há regiões de total ignorância (SCHUTZ, 1979, p. 75).

Mas nunca é demais lembrar, conforme referem Berger e Luckmann (2002, p.63), que são os motivos pragmáticos que dominam o cenário da vida cotidiana, de modo que o conhecimento na forma de receitas, ou dito de outro modo, o conhecimento que serve para desempenhos de rotina, ocupa um lugar de destaque no arcabouço de conhecimentos compartilhados em sociedade.

Em suma, Schutz (2008) afirma que a situação biográfica determinada bem como o conhecimento que o ator social dispõe oferecem elementos que facilitam o seu projetar e contribuem com o bem suceder de suas ações.

En primer lugar, cuando proyecto mi acto futuro perfecto en tempo futuro perfecto me baso en mi conocimiento de actos efectuados con anterioridad y que son típicamente similares al proyectado, en mi conocimiento de rasgos típicamente significativos de la situación en que tendrá lugar esta acción proyectada, incluso mi situación personal biográficamente determinada (SCHUTZ, 2008, p.87).

Nesse sentido, podemos observar que uma determinada biografia individual não pode nunca ser pensada descontextualizada do mundo da vida cotidiana (ou mundo de sentido comum). As ações humanas são engendradas sempre a partir desta relação. Analisaremos isso, a seguir.

### **3.1.3 O processo de constituição das ações sociais como produto da relação entre o mundo da vida cotidiana e a situação biográfica**

Ao operar dentro do mundo de sentido comum, o homem, que atua entre e sobre os seus semelhantes, deve eleger dentro desse mundo pré-constituído e que se impõe a ele determinadas alternativas de ação. Ao fazer isso, as possibilidades antes abertas formam um campo restrito de possibilidades circunscritas ou problemáticas, dentro das quais a eleição e a decisão para a ação se tornam possíveis. (SCHUTZ, 2008, p.98-99).

A ação se distingue do ato, e pode ser definida como sendo um processo em curso que é pensado e projetado pelo ator aprioristicamente. Já o ato corresponde ao produto final da ação, a sua materialização na vida cotidiana (SCHUTZ, 2008, p. 86). A ação é ainda dividida em dois tipos, podendo ser latente ou manifesta.

A ação latente envolve todo o tipo de decisão negativa, em que o ator social, dotado de um determinado propósito, delibera por não atuar. Como exemplos, podemos referir o médico que decide não operar o seu paciente, a decisão do comerciante em não realizar alguma venda ou do político em não se candidatar a cargos eletivos (NATANSON, 2008).

A ação manifesta é a ação que modifica o mundo exterior, sendo também previamente projetada e dotada de um propósito conferido pelo ator. Ela tem, com efeito, procedência na interioridade do indivíduo, na iniciativa livre que consubstancia o projeto pensado em determinado propósito (SCHUTZ, 2008, p.86).

O caráter processual da ação e o seu desenvolvimento na interioridade do ator social foram descritos nos seguintes termos por Bertaux (2014):

Ela se desenrola na durée, talvez ao longo dos anos; antes mesmo de se traduzir em atos, ela nasce de um projeto,- projeto em direção ao futuro; ela foi pensada, refletida, antecipada, traduzida em estratégia (s). Enquanto ela se desenvolve ela encontra obstáculos imprevistos que modificam seu curso; ela é sempre uma aventura de alguma maneira. E quando termina ela continua a viver de suas consequências: nossos atos marcantes nos seguem até a nossa morte (BERTAUX, 2014, p.255).

A projeção é, portanto, o elemento que fundamenta o agir e “consiste en una anticipación de la conducta futura por la imaginación” (SCHUTZ, 2008, p. 87). Desse modo, o projeto deve ter em conta o tempo futuro e o ator deve ser capaz de imaginar os efeitos que serão produzidos pelo seu ato enquanto busca elaborar os passos para a sua ação (SCHUTZ, 2008).

O projeto do agir é distinto do mero fantasiar, porque envolve um determinado estoque de conhecimento à mão, que serve a elaboração do mesmo. Considera-se o projeto enquanto um fantasiar motivado, ou seja, através dele o ator busca, ao elaborar sua ação, atingir determinados propósitos, concluí-la, consubstanciá-la em ato. Além do que, a fantasia não opera dentro dos limites da realidade e pode estar circunscrita apenas a desejos internos sem o propósito de ser levado a cabo enquanto ação (SCHUTZ, 2008).

De maneira sintética, Schutz (2008) considera que o homem está inserido em um mundo que é pressuposto e inquestionado (até segundo aviso) e caracteriza-se como uma espécie de ambiente onde jazem as possibilidades abertas para a eleição de projetos. Contudo,

é só a partir de sua particular situação biográfica que ele elege como significativos certos elementos e não outros deste campo. Se a eleição de elementos significativos do campo não encontra nenhuma barreira ou obstáculo, dá-se a passagem do projeto à ação, e a mesma é levada a termo. Se o homem encontra alguma dificuldade para definir uma situação cotidiana com base em seus conhecimentos, surge então uma situação de dúvida, e o que antes era tido por certo, passa a ser questionado. E por fim: “la decisión retransforma lo que se ha hecho questionable en una certeza, pero una certeza empírica que es nuevamente un elemento indiscutido de nuestro conocimiento, al cual se presupone hasta nuevo aviso” (SCHUTZ, 2008, p. 107).

Em sendo também uma ação social, o engajamento no voluntariado pode ser entendido teoricamente através da perspectiva de Alfred Schutz. Ademais, a relação entre o mundo de sentido comum e a situação biograficamente determinada na produção dessa ação pode ser pesquisada empiricamente através da metodologia da narrativa biográfica. Iremos Expor seus fundamentos teóricos e seus cinco passos analíticos a seguir.

### 3.2 NARRATIVA BIOGRÁFICA: O ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO COMO AÇÃO SOCIAL E SEUS MOTIVOS PORQUÊ

Antes de analisarmos as possibilidades que o método denominado de narrativa biográfica, aperfeiçoado por Gabriele Rosenthal, pode oferecer para o estudo das motivações para o engajamento no voluntariado, iremos apresentar e comentar alguns estudos já realizados sobre o referido tema, a fim de compreender a maneira como alguns pesquisadores abordaram o mesmo.

Segundo Roca (1994), o voluntariado vive hoje um processo de amadurecimento pessoal que repercute em suas motivações. Segundo o autor, as motivações podem ser classificadas em três tipos principais, são elas:

- Motivações expressivas: são razões que tem como fundamento a própria realização pessoal. O voluntario busca com sua atividade: “dar sentido à vida”, “encontrar amigos”, “desenvolver a comunicação com os demais”, “para sentir-se melhor consigo” e etc.
- Motivações instrumentais: é um tipo motivacional que está fundamentado na função que a atividade engendra, por exemplo: realiza-se o voluntariado para “aumentar a experiência”, “conhecer melhor a realidade”, “iniciar no mundo do trabalho” e etc.
- Motivações altruístas: a ação é toda voltada ao benefício do outro, ou dito de outra maneira, busca-se “ajudar os semelhantes” e “transformar a realidade social.”

Outra forma de categorização das motivações para o trabalho voluntário foi apresentada por Sberga (2001, p.120), com base nas interpretações de Tavazza:

- Motivações cívico-sociais: conquanto no passado a ajuda fraterna e o conformismo expressavam a caridade para com as classes menos favorecidas, atualmente verifica-se a necessidade de reivindicar os direitos constitucionais que não são observados, com ênfase na cidadania e nos direitos humanos.
- Motivações políticas: nos dias atuais o voluntariado tem objetivo de não apenas potencializar os serviços sociais, mas atuar na elaboração de políticas e legislações sociais a fim de equacionar o problema da marginalização. Não só atua na cura dos problemas sociais, mas de maneira preventiva, para que não ocorram.
- Motivações ideológico-ético-religiosas: o voluntário atua no sentido de moralizar os costumes, na construção da solidariedade e da paz.
- Motivações psicossociais: são sobretudo motivações interiores e podem ser divididas em altruístas, de troca simbólica e de reciprocidade. Contudo, nem sempre o ator social age de maneira plenamente altruísta, também se move desde motivações egoístas, em busca de aprovação pessoal ou por outros interesses. Ao voluntariado cabe passar de um egocentrismo infantil a um altruísmo maduro.

O estudo de Ferreira et al., (2008) chegou as seguintes categorizações com relação às motivações para o engajamento no voluntariado, quais sejam: pertença, altruísmo, estima e reconhecimento social, aprendizagem e desenvolvimento.

A categoria motivacional “altruísmo” aparece como um elemento comum em grande parte dos estudos, embora as abordagens teóricas utilizadas sejam as mais diversas: desde estudos fundamentados na teoria da dádiva, até baseados em modelos de motivação usados entre trabalhadores remunerados. Este último modelo de abordagem apresenta limitações, pois existem diferenças significativas nas motivações entre os trabalhadores remunerados e os voluntários (CAVALCANTE, 2013, p. 171).

Um modelo mais completo para a análise do engajamento no voluntariado foi desenvolvido por Penner (2002). O modelo proposto considera que a iniciativa para o voluntariado prolongado ou constante está relacionada a uma multidimensionalidade de fatores, dentre os quais cumpre destacar: as características demográficas, as crenças pessoais e valores, os atributos organizacionais (onde se está a realizar trabalho voluntário), o relacionamento com a organização e por fim, as motivações particulares (PENNER, 2002).

Este modelo teórico foi testado empiricamente por Picolli e Godoi (2012) em seu estudo sobre motivações para o trabalho voluntário em uma casa espírita. A pesquisa de tipo etnográfico e baseada em entrevistas de profundidade captou os elementos considerados significativos pelos voluntários para o seu engajamento e os categorizou de acordo com o referido modelo.

Outros estudos também trataram do tema, dentre os quais cumpre referir os esforços teóricos de Souza e Lautert (2007), que analisaram o trabalho voluntário como um elemento qualificador da saúde em idosos; Cavalcante (2013), já citado, que empreendeu uma revisão bibliográfica sobre o tema e constatou que a maioria das pesquisas utilizou uma metodologia qualitativa, seja através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas ou a partir de estudos de caso. E a pesquisa de Cavalcante et al (2012), onde se construiu um instrumento quantitativo com o propósito de revelar o perfil dos trabalhadores voluntários na Pastoral da Criança.

O que podemos considerar a partir dos estudos citados é que a maior parte deles busca captar o que o voluntário pretende com a atividade, seja em termos pessoais (tornar-se uma pessoa melhor, pertencer a um grupo), em termos sociais (fazer o bem ao próximo, resolver problemas sociais) ou mesmo em termos teológicos (fazer a vontade de Deus e etc.). Esse tipo de dado pode ser lido de acordo com a perspectiva teórica de Alfred Schutz (2008) como *motivos a fim de*, que nada mais são do que os objetivos e os propósitos que se deseja alcançar com determinada ação. Esta classe de motivos se relaciona com o futuro do agente, corresponderiam à projetualidade do ato, ao estado de coisas que se pretende criar. (SCHUTZ, 2008). De acordo com essa leitura, o ator tem plena consciência de sua motivação para o agir voluntário, na medida em que é dotado da capacidade de interpretar e dar um significado para suas próprias ações.

Contudo, há uma classe de motivos que não diz respeito ao significado imediato que o voluntário tem de sua própria ação, são os chamados *motivos porquê*. Por *motivos porquê* entende-se aqueles elementos que fazem parte das experiências passadas de vida do ator, e que no presente condicionam as suas ações (SCHUTZ, 2008). O autor descreve a seguinte situação:

El asesino fue motivado a cometer sus actos porque creció en tal o cual ambiente, o porque, como muestra el psicoanálisis, sufrió en su infancia tales y cuales experiencias, etc. Así, desde el punto de vista del actor, el motivo porque alude a sus experiencias pasadas ( SCHUTZ, 2008, p.88).

O foco que Penner (2002) e Picolli e Godoi (2012) utilizaram em seus estudos possibilitou o conhecimento de alguns elementos “mais objetivos” para a compreensão de como essa disposição é influenciada pela biografia e pelo contexto social. Estas propostas buscam elucidar, portanto, os *motivos porquê* da ação.

Embora o foco e o interesse das pesquisas empíricas podem variar entre conhecer o sentido da ação (*motivos a fim de*) e os motivos biográficos para a ação (*motivos porquê*), não podemos nunca desconsiderar que, de acordo com Schutz, existe um aspecto relacional entre os *motivos porquê* e os *motivos a fim de*, na medida em que o contexto social e as experiências que impactaram de algum modo a consciência do indivíduo (*motivos porquê*), favorecem em grande medida o seu modo de agir, pensar e projetar, e, portanto, suas motivações a fim de (SCHUTZ, 1979).

Há uma diferença temporal entre as duas referidas classes de motivos: enquanto os *motivos a fim de* estão relacionados com o tempo futuro, os *motivos porquê* dizem respeito ao passado. Quando um indivíduo projeta uma determinada ação, ele está consciente de seus próprios motivos e isso o impele a materializá-la. Entretanto, os *motivos porquê*, aqueles que poderiam favorecer uma explicação das condições causais que levaram ao projetar, permanecem ocultos à consciência (NATANSON, 2008).

O *motivo a fim de* é uma categoria essencialmente subjetiva e é revelada pelo ator quando o mesmo é perguntado com relação ao significado que atribui à própria ação. Já o genuíno *motivo porquê* é uma categoria objetiva e acessível ao pesquisador na medida em que ele reconstrói, a partir da realização do ato, ou dito de outro modo, do estado de coisas criado na realidade, a atitude do ator diante disso. Somente quando o ator social lança um olhar para o seu passado, tornando-se, portanto, um observador de seus próprios atos realizados, é que ele pode conhecer os genuínos *motivos porquê* de seu agir (SCHUTZ, 1979, p.126).

Deste modo, entender o fluxo de experiências de vida ou o curso de ações e relações interpessoais que conduziram um indivíduo em particular a realizar uma atividade voluntária, doando parte de seu tempo, de maneira gratuita, com o propósito de atender carências materiais ou afetivas, pode ser acessível através do método da narrativa biográfica.

O método da narrativa biográfica pode favorecer a compreensão de quais experiências e elementos sociais foram mais marcantes para a construção de uma disposição para o engajamento no voluntariado. Dito em outras palavras, os questionamentos que Schutz (2008) utiliza para entender os motivos que levam uma pessoa a cometer um crime (*motivos porquê*), com base em sua biografia, podem ser utilizados de igual maneira no estudo do voluntariado. Poderíamos, ademais, reescrever suas colocações do seguinte modo: a disposição ao

engajamento no voluntariado começou a ser produzida na adolescência, pois a situação de abandono a que um ator social qualquer foi submetido, o levou a suprir as suas carências afetivas realizando a atividade, ou então, de maneira igualmente hipotética, poderíamos especular que o vínculo que determinado ator social estabeleceu com dada religião, o levou a internalizar determinados padrões e valores que favoreceram e o conduziram a uma vida de voluntariado. Este tipo de compreensão não estaria referido diretamente ao projeto (realizar atividade voluntária), mas, segundo considera Schutz (2008, p. 89): “Sin embargo, el genuino motivo porqué supone-como hemos visto- la perspectiva temporal del pasado y se refiere a la génesis del proyecto mismo”.

Para Fritz Schütze (2010), são importantes aos estudos sociológicos os questionamentos sobre as estruturas processuais dos cursos de vida, pois o mesmo considera que existem formas elementares que podem ser encontradas em várias biografias. Isto posto, segundo o autor, deve-se estar atento para considerar a estrutura seqüencial da história de vida do biografado.

Portanto, é fundamental ter em vista, desde o início, a estrutura temporal e seqüencial da história de vida do portador da biografia. A história de vida é uma sedimentação de estruturas processuais maiores ou menores, que estão ordenadas seqüencialmente, e, que por sua vez, estão ordenadas seqüencialmente entre si (SCHÜTZE, 2010, p.211).

Em sendo assim, o propósito da entrevista de tipo narrativo é captar relatos que sejam mais longos, formulados de maneira autônoma sobre a história de vida dos sujeitos ou com referência a outros temas de interesse. Esses relatos geralmente são mais livres e devem ser desenvolvidos sem muita intervenção por parte da pessoa que está entrevistando. Somente em um segundo momento, na segunda parte da entrevista, busca-se um maior aprofundamento dos assuntos tratados na primeira parte, incentivando o entrevistado a falar mais sobre temas que já foram abordados. Por fim, na terceira parte da entrevista, o entrevistador deve levantar aspectos e temas que não foram abordados anteriormente, mas que são de interesse para a pesquisa (ROSENTHAL, 2014, p.183-184).

O processo de entrevista e coleta de dados está fundamentado no princípio de abertura à realidade empírica, de modo que as concepções e significações dos entrevistados devem ser levadas em conta, conforme considera a autora: “Os pesquisadores devem, assim, em consonância com o princípio de abertura, renunciar conscientemente ao levantamento de dados conduzido por hipóteses e tomar como referência as concepções cotidianas do entrevistado e suas relevâncias” (ROSENTHAL, 2014, p.184).

A partir da entrevista procede-se a reconstrução biográfica do caso ou dos casos em questão, de modo que ambos os domínios, tanto da biografia narrada quanto da biográfica vivenciada, são analisados separadamente. Nas palavras da autora:

Importante é que ambos os domínios- o da biografia vivenciada e da biografia narrada- sejam primeiro analisados passo a passo, separadamente, tendo em vista que o objetivo da reconstrução é decifrar tanto o significado biográfico daquilo que foi vivenciado no passado quanto o sentido da narrativa, realizado no presente (ROSENTHAL, 2014, p.225).

A reconstrução biográfica de caso só é possível através da depuração dos dados mediante a obediência dos seguintes passos metodológicos:

### **3.2.1 Os cinco passos metodológicos da Narrativa Biográfica**

Para se chegar à reconstrução do caso, os dados empíricos são trabalhados de maneira sistemática a partir de cinco passos ou momentos de análise principais que, de maneira bem resumida e para fins de clareza metodológica, são explicados a seguir<sup>13</sup>.

#### **3.2.1.1 Análise dos dados biográficos**

No primeiro passo da análise, cada dado biográfico deve ser analisado desconsiderando, tanto as interpretações feitas pelo biografado, quanto o nosso conhecimento do caso em questão. Projeta-se de maneira especulativa, através de hipóteses, todas as possibilidades de ação que dispunha o ator social em uma determinada situação (ROSENTHAL, 2014).

#### **3.2.1.2 Análise do campo temático e do material textual**

Com o segundo passo da análise, denominado análise do campo temático e do material textual, busca-se investigar os motivos, latentes ou manifestos, que levaram o entrevistado a apresentar os acontecimentos de uma dada maneira e não de outra. Nesta fase o texto é dividido em unidades seqüenciais, delimitadas a partir das mudanças no tipo de texto e no conteúdo, bem como pela alternância dos falantes (ROSENTHAL, 2014).

---

<sup>13</sup> Para maior aprofundamento na matéria ver ROSENTHAL (2014), Capítulo 6: Pesquisa biográfica e reconstruções de caso.

### 3.2.1.3 Reconstrução da história do caso (vida vivenciada)

No terceiro passo busca-se a compreensão dos significados de vivências específicas relacionadas ao passado biográfico. Para tal empreendimento, os resultados do primeiro passo (análise de dados biográficos) são contrastados com as declarações do entrevistado, de modo que as hipóteses que foram elaboradas no primeiro passo serão, ou rejeitadas, ou comprovadas, a partir do confronto com o texto da entrevista. Além do mais, no texto poderão ser encontradas outras vivências do entrevistado que não foram observadas no momento da análise dos dados biográficos (ROSENTHAL, 2014).

### 3.2.1.4 Análise detalhada das passagens textuais

O propósito do quarto passo, denominado análise das passagens textuais, é revelar as estruturas latentes de sentido do texto. As passagens a serem analisadas são escolhidas a partir de dois critérios fundamentais, a saber: 1) as comunicações paralinguísticas (equívocos, pausas mais longas na fala e interrupções) e 2) a impressão de que o texto esconde um significado oculto à primeira leitura (ROSENTHAL, 2014).

### 3.2.1.5 Contraste entre a vida vivenciada e vida narrada

Por fim, o último passo da análise envolve a comparação entre vida vivenciada e vida narrada e tem o propósito de facultar possíveis explicações para diferenças entre o passado e o presente, evidenciando suas disparidades, ou, em outros termos, contribui para a descoberta da origem das diferenças entre o que foi narrado e o que foi vivenciado. Concluída a análise, pode-se proceder a construção de um tipo teórico a partir do caso singular<sup>14</sup> (ROSENTHAL, 2014).

Todo esse constructo metodológico está fundamentado em alguns princípios teóricos que elucidam os seguintes pontos: a) que a compreensão dos processos psicossociais está ligada a reconstrução de sua gênese, que envolve o seu surgimento, sua conservação ao longo do tempo e suas redefinições; b) que a compreensão das ações individuais depende do conhecimento tanto da perspectiva dos agentes quanto de seus cursos de ação; c) para a

---

<sup>14</sup> Construir um tipo, de acordo com a teoria da Gestalt, é reconstruir a forma de um fenômeno, observando as regras de sua constituição (ROSENTHAL, 2014).

compreensão das declarações de um entrevistado com relação a determinados temas e vivências singulares do seu passado biográfico, requer-se a interpretação contextualizada a partir de sua vida atual e de suas perspectivas com relação ao futuro (ROSENTHAL, 2014 p.215).

Os trechos da entrevista que aparecem nesta dissertação foram codificados a partir do seguinte código de transcrição, que reproduzimos a seguir:

Quadro 1 – Código de transcrição

<b>Códigos de transcrição</b>	
(4)	= pausa breve
Ê:	= extensão da vogal
((rindo))	= comentário do realizador da transcrição
/	= inserção do fenômeno comentado
<b>não</b>	= ênfase
<b>NÃO</b>	= falando mais alto
talv-	= interrupção de uma palavra ou declaração
‘não’	= falando mais baixo
( )	= conteúdo da expressão incompreensível; comprimento dos parênteses corresponde mais ou menos à duração da declaração
(disse ele)	= sem clareza com relação a algum aspecto do conteúdo de um registro
Sim = sim	= rápida seqüência de palavras
Sim, eu fiz não, ele	= falas simultâneas a a partir do eu

Fonte: ROSENTHAL (2014, p.113)

A abordagem metodológica da entrevista narrativa permite-nos, portanto, captar os elementos biográficos que orientaram o indivíduo no sentido do engajamento no voluntariado (engajamento no voluntariado que está sendo entendido como uma ação social, de acordo com a teoria de Alfred Schutz). A decisão de realizar uma atividade voluntária, conquanto esteja sujeita a interpretações por parte do agente, está fundamentada em suas experiências de vida (*motivos porque*) e no modo como foram vivenciadas por ele. Ademais, a análise biográfica nos revela as relações entre vivência particular e pressões culturais, ou em uma linguagem sociológica, entre indivíduo e sociedade. A seguir, iremos apresentar o nosso caso empírico, analisando-o a partir de sua reconstrução biográfica.

## **4 UMA FORMA DE CONSTITUIÇÃO DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA: O CASO DE FERNANDA**

O objetivo deste capítulo é apresentar a reconstrução biográfica do caso estudado (quinto passo da metodologia), em que é apresentado o produto final da análise. Ademais, irá se buscar, a partir da análise das experiências de vida da entrevistada, que por questões éticas chamarei de Fernanda, compreender como a ação/ disposição de engajamento no voluntariado foi sendo construída, respondendo, portanto, ao problema de pesquisa. Ademais, os principais momentos de sua biografia serão apresentados e compreendidos mediante o uso de bibliografia específica, com o propósito de esclarecer alguns conceitos importantes que surgiram ao longo do texto.

Conquanto as cinco entrevistas que realizei ajudaram-me na aproximação do tema do voluntariado e na construção do problema de pesquisa referido acima, não é objetivo desse estudo apresentá-las todas, pois o mesmo não tem o propósito de chegar a conclusões a partir do maior número de casos possíveis, mas, sobretudo, apresentar ao leitor, de maneira detalhada, uma forma única dentre as quais o fenômeno de engajamento no voluntariado se constitui a partir das experiências biográficas e, para tal intento, irá se adotar uma atitude compreensiva.

Segundo Rosenthal (2014), diferentemente dos estudos quantitativos, os estudos qualitativos tem o propósito de focar de maneira mais detalhada em determinados âmbitos do mundo social ou cotidiano. A investigação desses âmbitos, que pode causar algum estranhamento ao pesquisador, tem o propósito de oferecer descrições microscopicamente detalhadas, como faz, por exemplo, a antropologia ou a análise socioetnográfica.

Antes de entrarmos na reconstrução biográfica propriamente dita, irá ser apresentada a situação de entrevista. Elaborei um breve texto sobre o modo como se deu o contato inicial, descrevendo o local da entrevista e as características da interação entre o entrevistador e a entrevistada.

### **4.1 A ENTREVISTA COM FERNANDA: O CONTATO E A INTERAÇÃO**

Utilizei o nome Fernanda, por questões éticas, pois não é do meu interesse expor a biografada, já que se busca apenas ter acesso à resposta para a questão de pesquisa. A entrevista foi realizada no dia 01/09/2015, em um hospital de uma cidade do Rio Grande do

Sul, onde Fernanda trabalhou como médica durante muitos anos. O nome do hospital também será ocultado para preservar o anonimato da biografada.

Por se tratar de uma voluntária que recebeu capacitação na Voluntariar<sup>15</sup>, uma ONG que coordena a formação de voluntários de uma Universidade, entrei em contato primeiramente com a pessoa responsável pela organização da entidade, e fui por ela muito bem acolhido. Ao explicar que era um estudante de ciências sociais e que estava realizando uma pesquisa com voluntários, a organizadora fez alguns contatos com outros trabalhadores para verificar quais deles estariam disponíveis para conceder a entrevista. Ela me sugeriu uma voluntária que estava trabalhando havia dois anos em um projeto que consistia no atendimento de pessoas que estavam em tratamento contra o câncer. Cabe ressaltar que antes desse projeto, a voluntária em questão havia trabalhado também com idosos. A partir de então, passei a manter contato com Fernanda por email. Ela se mostrou interessada em participar da pesquisa, de modo que pude marcar a entrevista para o dia 01/09, às 8 horas da manhã.

Chegado o dia, esperei por alguns minutos além da hora marcada. Após a entrevistada chegar, nos cumprimentamos e logo caminhamos juntos até a sala onde realizaríamos a entrevista, conversando coisas a respeito da faculdade, da pesquisa e etc. Ao entrarmos na sala, logo nos acomodamos em uma mesa, onde pudemos conversar um pouco sobre a pesquisa: expliquei que era um estudo sobre voluntariado e que precisaria conhecer a sua história de vida, já que tratava-se de uma pesquisa de tipo biográfico. A entrevistada achou interessante e se dispôs a contribuir comigo. Cumpre referir que em nenhum momento revelei o problema de pesquisa a ela, para não influenciá-la quanto à organização dos temas na narrativa.

Sobre a biografada, notei que tem uma boa dicção, se expressa com calma e claramente e demonstra ter um ótimo nível educacional, dado que pude verificar mais tarde, quando descobri que Fernanda foi médica por muitos anos antes de se aposentar em função de uma doença na coluna. Apesar de seus 60 anos, tem uma aparência mais jovem, possui pele e cabelos claros. Além disso, veste-se bem e de maneira discreta.

Fiz a pergunta inicial de maneira simples e direta, solicitando a Fernanda que contasse sua história de vida, começando por onde achasse melhor. Informei também que dispúnhamos do tempo que ela necessitasse. Após pensar um pouco, coisa de poucos segundos, ela começou o relato dizendo que estava agradecida por poder participar da pesquisa, e que a

---

<sup>15</sup> Conforme já referimos no primeiro capítulo, todos os nomes de pessoas ou instituições foram trocados com o propósito de preservar o anonimato da entrevistada.

agradava poder me ajudar. Começou a narrativa pela infância, seguindo a maior parte do tempo uma ordem cronológica. Contou que teve uma família bem estruturada, que estudou em bons colégios e que viajara bastante com sua família.

Contudo, essa apresentação inicial foi breve, e logo senti que estava ansiosa no sentido de me revelar algo: foi quando falou que foi acometida por uma doença grave, uma escoliose na coluna, quando tinha dez anos. Esse fato, segundo ela, teve profundo impacto em sua biografia (o que pude verificar por ocasião da reconstrução da biografia). Ademais, ao narrar o fato não percebi nela nenhuma tensão ou desconforto ao tratar do assunto, já que fora uma experiência traumática.

A narração prosseguiu de maneira fluída. Busquei não interromper a fase inicial da narrativa. Só na segunda parte explorei os temas e os pontos que foram apresentados de acordo com o sistema de relevância de Fernanda. Procurei manter contato visual e externalizar o interesse no prosseguimento do relato através de expressões faciais de concordância e através do uso de interjeições.

#### 4.2 RESUMO DA BIOGRAFIA DE FERNANDA

Fernanda utilizou cerca de uma hora e dezesseis minutos para narrar a sua história de vida. A primeira parte transcorreu sem maiores interrupções de minha parte, somente na segunda etapa da entrevista solicitei o aprofundamento dos temas que foram apresentados pela própria entrevistada. Por possuir um bom nível intelectual, visto que tem formação superior (trabalhou como médica), a fala de Fernanda é bem clara, refletida, e têm poucas gírias ou expressões chulas.

Antes de adentrar a narrativa de Fernanda propriamente dita, cumpre apresentar a família da entrevistada, apresentação essa que compreende a sua conformação familiar e um pouco da história de vida de seu pai e de sua mãe. A família em que Fernanda nasceu é composta pelo pai, a mãe e um irmão, além dos avós, que segundo a entrevistada, sempre foram muito presentes em sua vida. O pai de Fernanda veio da Alemanha em 1951, seis anos após a segunda guerra mundial. A influência da Guerra na emigração do pai para o Brasil não fica clara ao longo do texto. Na situação de pós-entrevista conseguimos algumas informações sobre a história dele. Conquanto sejam breves, oferecem uma compreensão de sua personalidade:

*A guerra acabou em 1945. Meu pai fez ainda o segundo grau lá na Alemanha, custeando os estudos como monitor dos mais novos numa escola de excelência, formando-se Eletrotécnico. Emigrou em 1951 para o Brasil, trabalhou como eletrotécnico alguns meses quando foi admitido em uma empresa. Apresentou um plano de prevenção elétrica para o próprio dono da empresa que ficou encantado com este trabalho pioneiro. Em 1953 casou com minha mãe e entrou de sócio na firma do sogro (e mais dois irmãos do meu avô), de importação e automação industrial. O interesse pelas energias renováveis surgiu no início da década de 1970: primeiro energia solar térmica, depois energia fotovoltaica, e no início dos anos 1990 energia eólica.*

O pai revela um perfil empreendedor, tendo em vista que este debate sobre energias renováveis era ainda muito incipiente no mundo. Só para se ter uma idéia, essa questão só começa a ganhar força por ocasião da realização da Conferência de Estocolmo, em 1972, sendo reafirmada vinte anos depois, em 1992, pela Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro (SOARES, 2003).

A mãe de Fernanda, ainda viva, é dona de casa, tem 84 anos. Ao longo da narrativa há poucas referências sobre ela e sobre o seu único irmão, hoje com 58 anos. Há mais referências dos avós ao longo do texto, sobretudo a sua avó, que participa de um momento crucial na biografia de Fernanda: a descoberta da escoliose grave na coluna.

Retomando a narrativa de Fernanda, cumpre referir que foi exposta seguindo uma ordem cronológica, começando pela infância e se desenvolvendo até as suas experiências mais recentes, já como colaboradora voluntária.

Fernanda nasceu na cidade de Porto Alegre, no ano de 1954. O contexto nacional era de instabilidade política por ocasião do suicídio do então presidente Getúlio Vargas. No mundo, após os eventos traumáticos da Segunda Guerra Mundial, seguiu-se a Guerra Fria entre as duas superpotências, EUA e URSS, o que revelava um mundo cindido entre o capitalismo de mercado e a proposta socialista. Ao contextualizar dessa maneira não se pretende sugerir nem indicar que esses eventos tenham importância biográfica para Fernanda, mas apenas situá-la em seu tempo histórico. O contexto de nascimento e suas possibilidades em termos financeiros e de educação, isso sim, vai ter um impacto fundamental na vida da biografada.

Fernanda estudou em bons colégios, primeiro em uma escola particular (1961), de costumes mais rígidos, e depois, já no segundo grau, foi para um colégio estadual (1970).

Ainda quando estudava na escola particular, Fernanda, à época com 10 anos, descobre que tem uma escoliose grave na coluna (1964). De maneira fiel à narrativa, Fernanda contou que estava com sua avó, e a mesma estava fazendo um vestido para ela, perfeitamente

medido, e enquanto Fernanda vestia, a avó notava que a bainha estava torta. Mal sabiam as duas que a descoberta da doença de Fernanda iria influenciar quase todas as suas experiências de vida, já que ela se viria obrigada a conviver emocionalmente e fisicamente com as limitações impostas pela doença.

Posteriormente, seguiu-se a busca por tratamento médico: em 1966, Fernanda foi a um médico na França e ainda no mesmo ano, por recomendação dele, procurou um especialista em São Paulo para tratar a sua doença. Acabou firmando o seu tratamento com o médico de São Paulo, do qual guardarei sigilo quanto ao nome por questões éticas. Segundo relatou, até os 17 anos nunca teve dor na coluna, era uma pessoa “cordata” e nunca se revoltou com a situação (Fernanda usou um colete ortopédico até os dezessete anos).

No ano de 1978, Fernanda se casou com o atual marido. Os dois se conheceram e se envolveram na época da Faculdade de Medicina. Fernanda tem dois filhos com ele. O primeiro filho nasceu no ano de 1982 e o segundo filho logo em seguida, no ano de 1983. Nesse meio tempo o médico responsável pelo tratamento lhe indica, como alternativa para aliviar as dores na coluna, uma cirurgia. Ela atende as orientações do médico e se submete ao procedimento, do qual surgem algumas complicações pós- operatórias (1984). A entrevistada conta que o médico lhe aconselhou apressar a vinda do segundo filho, dado o caráter invasivo e dramático da cirurgia.

No ano de 1984, no mesmo período em que estava em sofrimento pela infecção pós-cirúrgica que teve, entra em contato com o espiritismo e passa, segundo avaliação sua, a ter uma visão nova sobre as coisas. Cabe ressaltar que entrevistada também procurou todo tipo de terapia alternativa para tratar as dores. Segundo relata, o espiritismo lhe abriu um leque de espiritualidade que antes não possuía.

No ano de 1986, Fernanda começou a trabalhar como médica. Em 1988 fez uma especialização em homeopatia e passou a incorporar esses conhecimentos à sua atividade profissional. Segundo avaliou na entrevista, adorava trabalhar como médica homeopata.

No país, nessa época, no ano de 1988, estava ocorrendo o processo de redemocratização, após vinte anos de governos militares. Os cidadãos começaram a dispor, portanto, de mais canais de participação social.

O movimento voluntário passa a ganhar corpo no Brasil através da promulgação da lei do voluntariado, que passou a regular a atividade no ano de 1998, e através do surgimento de centros de capacitação e formação de voluntários (MEISTER, 2003). Esses fatos promovem uma difusão maior sobre a prática voluntária e isso causa um impacto importante na vida de Fernanda. Isso pôde ser constatado quando, no momento mais crítico de suas dores na coluna,

em um período posterior à menopausa (2005), buscou informações sobre a atividade voluntária, da qual pode obter facilmente devido à difusão de uma ampla rede de informações e troca de experiências sobre a atividade.

O objetivo desse resumo é oferecer ao leitor um conhecimento preliminar e geral da biografia de Fernanda, para que, ao adentrar na reconstrução do caso propriamente dito, já tenha uma apropriação razoável do desenvolvimento biográfico dela. Ao longo da reconstrução biográfica alguns conceitos que surgiram e que são de relevância para o estudo foram analisados mediante o uso de bibliografia específica. Esse diálogo com a literatura permitiu um maior refinamento na análise, e isto favoreceu em grande medida a descoberta dos motivos biográficos que levaram Fernanda a se engajar no voluntariado.

#### 4.3 A INFÂNCIA: A FAMÍLIA ESTRUTURADA E A BOA CONDIÇÃO FINANCEIRA

Após a solicitação da entrevista, Fernanda começa relatando experiências da infância. Ela caracteriza sua família como bem estruturada, pequena e onde havia a presença de muito amor entre os familiares. Ao apresentar os aspectos positivos de sua vivência em família, pode haver o interesse de Fernanda em passar uma boa imagem da família ao entrevistador, buscando se valorizar de alguma forma. Um aspecto importante que cumpre referir é que a figura do pai é colocada em destaque pela biografada. Ele é o personagem que aparece de maneira central em suas experiências infantis. É considerado pela filha como empreendedor e cheio de vida:

*A gente acampava muito, ahm, ninguém acampava naquela época, eu tinha seis anos quando a gente trouxe a primeira barraca da Alemanha, a gente fazia camping selvagem nas dunas imensas entre Cidreira e Pinhal, que hoje em dia seria: impensável, né, nem=nem dunas tem mais ((rindo)) nem segurança, né, imagina (3) e pra nós era uma aventura assim, então o pai fazia relógio solar pra explicar pra gente como é que era a translação ou coisas do tipo, hum, nos ensinava a nadar, era uma pessoa **muito, hum, dinâmica muito cheio de vida**, empreendedor né, veio com uma mão na frente e outra atrás e fez um império, hum, teve sorte também, teve: mas soube aproveitar né, aquelas coisas que quando o cara já tá com a estrela vai=vai mais fácil, muito trabalhador, muito estudioso também, meu pai foi um dos pioneiros das energias renováveis no Rio Grande do Sul, desde que eu me conheço por gente a gente tinha a energia solar em casa.*

A mãe também é bastante valorizada por ela em sua apresentação. É descrita como uma âncora que hoje em dia quase ninguém mais tem e que supria suas necessidades filiais, pois quando “*chegava em casa do colégio a: comida tava pronta e era recém feita, e essas coisas assim que a gente só valoriza depois que não tem, né*”. Segundo relata, seus avós

também eram muito presentes em sua vida. Ela os via quase que diariamente. A sua avó participará de um dos momentos mais marcantes de sua biografia, que é a descoberta de uma escoliose grave na coluna, fato que irá influenciar todas as experiências posteriores de Fernanda, condicionando bastante as escolhas e decisões futuras dela.

As viagens e os momentos de aproximação com os familiares são relatados de maneira geral na primeira parte da entrevista, sendo aprofundados na segunda parte, quando solicitei que a biografada aprofundasse mais as situações vivenciais que havia elencado. Ela discorreu sobre uma viagem internacional que fez na medida em que essa experiência estava em consonância com o seu interesse de apresentar a família como bem estruturada. Em suas palavras:

*As viagens, **nossa**, as viagens são uma coisa muito importante na minha memória né, hum, te falei ali que com seis anos foi nossa primeira viagem internacional, eu com 6 anos e meu irmão com 4, imagina, um mês de navio pra ida, um mês de volta, foi uma aventura assim, até hoje eu tenho na memória a coisa, e aqui por perto também no Brasil inteiro a gente viajou né, então foi sempre muito rica essa=essa (3) muitos livros, muitos livros sempre (3) são essas coisas que eu considero de, de uma família estruturada, pequena e cheia de aventuras vamos dizer.*

A interpretação de uma determinada situação é feita, segundo Schutz (1979), com base no estoque de conhecimentos que o ator social, na vida cotidiana, dispõe, e que lhe serve como um código que orienta as suas interpretações de situações passadas ou presentes. O modo como Fernanda concebe uma família estruturada pode ser compreendido como algo que lhe é legado pela sociedade através da cultura, pois:

*Somente uma parte muito pequena do meu conhecimento do mundo se origina de minha experiência pessoal. A maior parte é derivada do social, dada por meus amigos, meus pais, meus professores. Não só aprendo a definir o ambiente (isto é, os traços típicos do “aspecto natural do mundo” que predominam no grupo interno como o total de coisas não questionadas, mas sempre questionáveis, tidas como pressuposto até segunda ordem), mas também como têm de ser formadas construções típicas segundo o sistema de relevâncias aceito pelo ponto de vista unificado e anônimo do grupo interno (SCHUTZ, 1979, p.96).*

Sem adentrar o complexo debate sobre a família no momento contemporâneo, bem como dos atributos que a tornam “estruturada”, o fato é que há um contexto material/objetivo que influenciou e muito as possibilidades futuras de Fernanda: o fato de ter tido na infância e ao longo da vida uma boa condição financeira. Por ocasião do primeiro passo analítico, buscou-se recriar os cursos de ação disponíveis à Fernanda por ocasião dessa situação e pôde-se confirmar, no terceiro passo analítico, algumas das hipóteses que foram levantadas:

Fernanda teve oportunidade de estudar em bons colégios (primeiro em uma escola particular e depois em uma conceituada escola pública), pôde fazer faculdade em uma Universidade de prestígio, sendo ajudada financeiramente pelos pais no período em que fez residência com seu marido na Espanha. Isso corrobora a hipótese de que ao crescer em um ambiente com muitos recursos financeiros teria a oportunidade de estudar em bons colégios, o que possibilitaria a ela arrumar um emprego socialmente valorizado na vida adulta.

Segundo Ribeiro, na sociedade contemporânea a educação formal é o mais importante meio de ascensão social. Para se atingir determinadas posições prestigiadas socialmente não basta ser filho de alguém com alta qualificação, é necessário ter educação de nível superior. Contudo, sabe-se que os filhos de trabalhadores menos qualificados têm menos chances de atingirem níveis mais altos de escolaridade do que os filhos de trabalhadores qualificados (RIBEIRO, 2006).<sup>16</sup>

Se tivesse nascido em um ambiente com poucos recursos financeiros, Fernanda possivelmente teria acesso a escolas ruins, onde receberia uma educação não tão qualificada, o que poderia acarretar em dificuldades educacionais e profissionais futuras para ela. Entretanto, essa hipótese não se verificou, figurando apenas com um dos contextos sociais hipoteticamente possíveis a ela.

Até esse momento inicial da narrativa, Fernanda apenas tratou de suas experiências positivas, contudo, a narrativa logo sofre uma profunda inflexão: Fernanda descobre que tem uma doença na coluna, uma escoliose muito grave. Podemos dizer que essa experiência é o fio condutor da narrativa e o interesse principal de sua apresentação. Todas as suas experiências posteriores estão relacionadas em alguma medida a essa. Ainda na fase infantil, portanto, essa experiência irá limitar e orientar muitas das escolhas de Fernanda.

#### 4.4 O PONTO DE INFLEXÃO: A DESCOBERTA DA DOENÇA NA COLUNA E SUAS IMPLICAÇÕES BIOGRÁFICAS

Após essas considerações biográficas iniciais, notei que Fernanda estava ansiosa para contar alguma coisa. Foi quando revelou que teve uma doença grave na coluna, ainda na infância, quando tinha dez anos. Ela relata a experiência em tons dramáticos e definitivos: *“E com 10 anos acontece uma coisa na minha vida que muda tudo”*. Percebi que o interesse

---

<sup>16</sup> O autor considerou também a variável raça no processo de mobilidade social, e concluiu que “Os brancos têm mais chances do que os pardos e pretos de imobilidade no topo da hierarquia de classes, enquanto estes últimos têm mais chances de mobilidade descendente (RIBEIRO, 2006, p.863).

central da apresentação de Fernanda, que consegui identificar realizando o segundo passo da análise (análise do campo temático e do material textual), gira em torno da necessidade de contar sobre a doença e suas implicações biográficas, apresentando-se como uma pessoa que aprendeu valores e se tornou melhor por ocasião do sofrimento que enfrentou.

A narração que fez do momento da descoberta foi rica em detalhes. Fernanda e sua avó estavam as duas em um momento de interação. A avó estava costurando um vestido para ela, quando, através da percepção do desnivelamento da bainha do mesmo, intuíram que estavam diante de um problema. A partir de então a vida de Fernanda, segundo ela mesmo conta, iria estar condicionada pela doença:

*Primeiro que a própria descoberta dela foi muito engraçado, minha vó tava fazendo uma roupa pra mim, **um vestidinho**, e: que tava perfeitamente, medido, e quando eu botava o vestido, ela disse, **mas essa bainha ta torta**, e media de novo, e o vestido tava reto, então ela chegou, ela que era assim, era Deus no céu e eu na terra pra ela, ela que descobriu a minha escoliose pelo quadril desnivelado, né, e aí: eu me lembro que o meu pai ficou muito brabo com ela que a filha dele não tinha nada de errado, mas tinha:, ela fez o diagnóstico, **geométrico**, simplesmente, né, e daí já, daí já tinha: hum (3) vinte poucos graus em cada curva, só pra tu ter uma idéia, com quarenta graus hoje em dia as pessoas **estão fazendo a cirurgia** e a minha ao longo de toda a vida foi a noventa graus em cada curva, é **muito torto**.*

Podemos ver que Fernanda narra essa experiência de maneira detalhada, buscando recriar a cena onde interage com a avó. Isso pode ser explicado por ela considerar esse evento o mais importante da narrativa, pois havia a hipótese de ter relatado de maneira breve, evitando entrar em maiores detalhes e passando imediatamente ao tema seguinte.

A partir de então, a entrevistada teve que fazer todos os tratamentos possíveis e que estavam ao seu alcance, indo inclusive tratar-se na França com um médico estrangeiro. Devido à impossibilidade de viajar permanentemente para lá, buscou o tratamento com um médico em São Paulo, que lhe indicou o uso de um colete para a coluna (colete que usou dos onze anos até os dezessete, e que limitou muito as suas experiências na juventude). Fernanda faz uma pequena avaliação sobre a experiência e sobre como reagiu diante da situação:

***Bom**, o que mais me marcou nessa fase da: adolescência, pré- adolescência, foi ser o robozinho, né, que eu tava sempre com aquele, aquela coisa externa, os guris não queriam dançar comigo nas reuniões dançantes, daí eu posava de: tinha que ser interessante intelectualmente, entendeu, mas era um baita de um disfarce, eu queria mesmo era dançar ((rindo)) e daí todo mundo jogava vôlei, todo mundo jogava qualquer coisa e eu não jogava nada, eu era sempre, hum, dispensada da educação física por causa do meu problema da coluna, daí eu ia pra biblioteca, ok, **li muito**, mas eu queria ta jogando, né, e todas essas coisas eu só fui descobrir agora, nos últimos anos, **quanta frustração ficou represada**, porque eu de boa menina, de boa filha, de toda cordata, toda certinha, não me rebelei nunca, mas isso fica represado, né, em algum lugar tem que estourar ((rindo)).*

O fato de ler muito na biblioteca da escola com o intuito de compensar as limitações que a doença lhe impunha revela uma necessidade que vai reaparecer em outros momentos da biografia, quando Fernanda adota um comportamento pró-ativo frente às adversidades, buscando significá-las a fim de diminuir um pouco as frustrações e o sofrimento experienciado. Estava um pouco contrariada, queria estar jogando com os amigos, entretanto, buscou uma maneira de se adaptar à nova situação, já que estava usando um colete ortopédico na coluna. A revolta não a impulsionou a tomar nenhuma medida extrema.

Pode parecer algo trivial quando analisamos uma fala, mas o fato de Fernanda sorrir ao final desse relato e de outros da narrativa pode indicar que, apesar das limitações e do sofrimento físico e psíquico que enfrentou, já está reconciliada com o seu passado, pois consegue voltar-se a ele com menos tensão emocional. Em alguns casos, um evento traumático pode ser ocultado do entrevistador e mesmo de outras pessoas do convívio e isso pôde ser verificado no estudo de Rosenthal (2002). A pesquisadora estudou o impacto que o nacional-socialismo teve na vida das famílias dos sobreviventes do holocausto e dos agressores. O estudo apontou que o silêncio e a não tematização do evento estavam presentes em ambos os tipos de família, embora por razões diversas.

A própria entrevistada nos fornece um exemplo nesse sentido, quando refere que seu pai que veio da Alemanha e lutou na guerra quando tinha 17 anos nunca falava sobre a mesma, pois *“era uma coisa que ele queria esquecer”*. Mesmo aparentando já estar reconciliada com o passado, Fernanda não oculta os seus sentimentos de frustração e de sofrimento à época, conforme se verifica.

Fernanda está a se referir ao período em que estudou no Colégio particular que, de acordo com o que relatou, era caracterizado pela ordem e pela disciplina. Segundo pude aprender da narrativa, era um colégio de educação tradicional, só para moças, em que, além da educação formal, recebiam também aulas poesia, artes, boas maneiras e decoração da casa. Ao relatar isso a entrevistada sorri, como que considerando isso uma coisa ultrapassada, fora do tempo. Contudo ela avalia positivamente o colégio, pois considera que era bem acolhida na instituição.

Nesse momento da narrativa, a biografia de Fernanda está contextualizada no período da ditadura militar, que teve início no ano de 1964. Havia a possibilidade de Fernanda se ver obrigada a alterar seus planos de vida em função de possíveis perseguições que sua família pudesse sofrer ao sustentar determinadas posições políticas contrárias ao regime.

Segundo revela Araújo (2008), a orientação política do regime militar era a eliminação dos movimentos populares que o contestassem, e isso se intensificou sobremaneira a partir do estabelecimento do Ato Institucional Número Dois, no ano de 1965. Os governos militares, segundo o autor, além de contarem em grande medida com a ajuda do capital estrangeiro, estavam alicerçados na doutrina da segurança nacional.

Ao longo da biografia não há um envolvimento com política por parte da Fernanda e de seus familiares, de modo que o que se verifica é que esse evento não determina novas escolhas a biografada, nem imprime um novo rumo à sua vida. Entretanto, não podemos desconsiderar o contexto social à época, pois ele é o pano de fundo ou espécie de mundo de sentido comum, para retomar Alfred Schutz, e possui, portanto, a capacidade de influenciar em maior ou menor medida as biografias individuais.

Então, nesse contexto, Fernanda, no ano de 1970, começa a estudar no colégio público. Cumpre referir o choque que ela sentiu ao passar a frequentar um espaço onde os valores eram bem diferentes daqueles a que estava habituada, ela que fora educada em uma escola tradicional e que exercia um controle disciplinar rígido sobre os alunos.

*Foi um choque enorme pra mim, as pessoas podiam fumar na aula, me lembro de um colega que saiu:, não tava gostando da aula levantou foi embora e bateu a porta da sala, isso era inimaginável no meu antigo colégio, a gente não=não nem chegava a pensar numa situação dessas, né, matar aula, se quisesse podia matar, e eu fiquei muito perdida nas primeiras semanas lá, porque era hum (3) tipo help yourself, sabe (rindo), cada um se vira, mas igual foi ótimo porque senão depois quando eu caísse na faculdade eu ia ter um choque duplo, né.*

Fernanda exemplifica esse estranhamento à liberdade que começou a dispor na nova escola contando uma experiência em que tentou matar a aula com um namorado seu à época, algo que não podia cogitar quando estudava no antigo colégio. Segundo narra: “*E fiquei com ele, no bar do colégio, conversando, me achando assim a: bandida, assim, né, aí quando eu volto para sala de aula a professora não tinha ido, eu nem consegui matar a primeira aula ((rindo))*”.

A análise do trecho nos sugere que, ao avaliar seus sentimentos à época do ocorrido, (“*me achando a: bandida assim*”), Fernanda intenta mostrar-se como alguém que passou a ser mais desprezada dos antigos valores ou, em uma linguagem informal, pretende apresentar-se como “descolada”. Isso faz sentido quando comparamos essa análise com a expressão que ela utiliza para caracterizar as experiências na nova escola, como sendo “*totalmente libertadoras*”.

Ainda na escola, com dezessete anos e cursando o segundo grau (atual ensino médio)

acontece algo importante e que confere algum alívio temporário na vida de Fernanda: ela recebe alta do tratamento e passa a não precisar mais usar um colete ortopédico na coluna. As limitações que a doença lhe impusera até aqui são bem nítidas no relato dela.

*Aí quando foi com dezessete mais ou menos eu tive alta, então não precisava mais usar o colete: não precisava mais fazer exercício: de repente eu era uma pessoa que pretensamente ia ter uma vida normal (4) aí:, até então eu nunca tive dor ta, isso é importante colocar assim era só: a parte do=do tratamento chato, e que eu não me revoltei nunca, daí.*

Ao dizer que “*de repente eu era uma pessoa que pretensamente ia ter uma vida normal*”, Fernanda tem interesse em apresentar-se como alguém que teve que superar muitos desafios, embora atenuar um pouco isso ao dizer que até então não fora acometida por dores físicas. O leitor já pode ir se acostumando com os momentos de sofrimento que sucederão na vida da biografada, pois, conforme já foi referido, a doença e suas implicações, tanto em termos de sofrimentos físicos como em termos de sofrimento psicológico, atravessam toda a sua biografia.

#### 4.5 O CASAMENTO, A EXPERIÊNCIA MATERNA E A CIRURGIA

A experiência seguinte é o casamento, que ocorreu no ano de 1978. O marido, com o qual é casada até o momento atual (2016), também é médico. Os dois se conheceram na faculdade de medicina, precisamente no último ano. Fernanda os descreve como responsáveis e cumpridores dos seus deveres. Nesse momento a sua família de origem teve grande importância, pois ajudou a bancar a estada dos dois, recém casados, na Europa, por ocasião de uma residência médica que fizeram por lá. Ela estava em um hospital de pediatria e ele em um dos melhores hospitais da Espanha. No primeiro momento da entrevista, Fernanda somente relata o fato, somente na segunda parte, quando solicitada a aprofundar suas experiências no casamento, ela nos fornece essas informações.

Havia a possibilidade de, por alguma razão, a família de Fernanda não apoiar o casamento, o que poderia trazer certa dificuldade para os noivos, pois a ajuda que receberam foi essencial para o desenvolvimento profissional de ambos, visto que ainda não estavam estabelecidos financeiramente.

Fernanda conta que, ainda na Europa, e por estarem estudando disciplinas que se complementavam, por diversas vezes pôde atender os bebês após os partos que o marido realizava (o marido estava na residência em obstetrícia e ela na pediatria). O casamento é

avaliado por Fernanda nos seguintes termos: “*A gente teve muita=muita vivência bacana, assim, muita coisa legal no casamento, e=e muitas ruins também como todos os, todo mundo, né, tem fases melhores e piores*”.

Esse trecho traz uma avaliação ponderada de Fernanda sobre a experiência do casamento. Contudo, ao longo da narrativa fica claro o interesse da biografada em somente expor as situações que reforçam a representação que faz da família como sendo “estruturada”. E isso pode ser aferido em suas experiências posteriores (serão analisadas ao longo da reconstrução) em que relata e valoriza os cuidados que recebeu do marido, que a ajudou bastante por ocasião das complicações que teve após fazer a cirurgia para a coluna. O marido tinha a opção de não ajudá-la e mesmo abandoná-la por ocasião dos infortúnios que ela enfrentou. Não seria a solução mais ética, entretanto, era um curso de ação disponível a ele e que poderia alterar o curso de vida de Fernanda

A maternidade não tardou a chegar na vida de Fernanda .O primeiro filho nasceu no ano de 1982 e o segundo filho logo em seguida, no ano de 1983. A gravidez do primeiro filho aconteceu na Espanha, quando ela ainda estava fazendo a sua residência médica.

Com relação à gravidez do primeiro filho, Fernanda relata que quando voltou para o Brasil, já estava grávida. Ela teve de enfrentar algumas dificuldades, pois não conseguiu emprego imediatamente, ao contrário de seu marido que logo começou a trabalhar em um Hospital. O fato de o marido ter conseguido se empregar logo foi uma retaguarda para ela e para a família, segundo avalia. Entretanto, ela não ficou inerte, e em seguida já abriu um pequeno consultório com outras colegas, enquanto esperava a abertura de um concurso público. Nesse ínterim foi tocando a vida e sendo mãe.

Entretanto, a gravidez não transcorreu como era esperado, muito em função do problema na coluna de Fernanda. O anestesista não conseguiu realizar o trabalho adequadamente e a anestesia acabou atingindo o bebê. Em função disso, ele nasceu um pouco desvitalizado, o que acabou gerando certa perplexidade na mãe:

*Pela cirurg- pela coluna tortíssima já que tu perguntaste mais detalhes do=do parto, o anestesista que era um, super importantão, não conseguiu achar o=o lugar da peridural e eu acabei tendo que fazer cesárea, com anestesia geral, eu como médica, muitos anos de pediatra, nunca vi isso acontecer em lugar nenhum, sabe, então é uma coisa tão fora do normal hoje em dia (3) mas pra mim aconteceu e aí passou a anestesia pro meu filho, e ele nasceu assim (3) bem dizer desvitalizado.*

Todavia, apesar do problema que tinha na coluna e, em função disso, das dificuldades que se apresentaram por ocasião do nascimento do primeiro filho, ainda assim avalia a experiência da maternidade como algo positivo:

*Bah, eu adorei ser mãe, adorei, hum, amamentar, foi uma experiência muito mais linda do que eu esperava, hum, os dois tão juntinhos foi, duro de criar porque, enfim, com toda a infecção que teve depois, mas meu marido ajudou muito, meus=meus pais, minha vó, tinha muita ajuda de todo lado.*

O modo como avalia essa experiência parece estar relacionado ao interesse geral de apresentação de Fernanda: mostrar ao entrevistador que, apesar dos sofrimentos e dificuldades que a doença na coluna lhe impusera, conseguiu superar os desafios. Outro propósito latente na fala de Fernanda é apresentar a família como um suporte que teve nos momentos mais difíceis, reforçando ao entrevistador atributos que a tornam estruturada.

Com relação às possibilidades financeiras que dispunham Fernanda e o marido à época do nascimento do primeiro filho (1982), pode-se afirmar que eram boas. O marido já estava trabalhando como médico em um grande hospital, enquanto Fernanda atendia seus pacientes em uma pequena clínica. Essa boa saúde financeira do casal garantiu o acesso dos filhos à educação superior: o mais velho (hoje com 33 anos) fez ciências da computação e trabalha atualmente em uma grande empresa de informática, enquanto o mais novo (tem 32 anos) é professor, mestre e ativista ambiental.

Então, quando estava em pleno exercício da maternidade (o seu primeiro filho estava com oito meses), começa a sofrer com dores muito fortes na coluna. A entrevistada é então obrigada a voltar à São Paulo (1982) para consultar com o médico responsável pelo tratamento e, para sua surpresa, o problema na coluna que tinha se agravou ainda mais, de modo que precisaria se submeter a um processo cirúrgico para amenizar a situação. Além disso, deveria anteciper a vinda do segundo filho, pois, após a cirurgia, dado o caráter invasivo da mesma, não poderia mais engravidar.

*Então eu tinha entortado **muito mais** nesses dez anos que eu fiquei com alta, porque ele me deu alta achando que eu ia parar de entortar quando eu: parasse de crescer, mas isso não aconteceu, até pelas leis até da física, que quando uma coisa já tá muito torta ((rindo)) não pode ficar mais reta sozinha, daí ele me disse que eu ia ter que fazer uma cirurgia, não tinha outra solução, e se que quisesse ter outro filho eu tinha que ter, logo: e: depois do segundo filho eu não ia poder mais ter filhos e daí eu=eu tinha que fazer essa cirurgia.*

Havia a possibilidade de ela, por alguma razão, não ter acatado a orientação do médico, por desconfiança com relação ao parecer, não se submetendo a cirurgia e buscando o parecer de outros especialistas, o que não se confirmou.

Fernanda segue integralmente as orientações médicas, antecipando o nascimento do segundo filho e consentindo em realizar o procedimento cirúrgico.

A gravidez foi, segundo avalia, *“a toque de caixa”*. O seu primeiro filho ainda estava amamentando e por isso ela não estava fazendo uso de anticoncepcionais. Duas semanas após o diagnóstico do médico, ela estava grávida. Em suas palavras: *“Tive o segundo, amamentei seis meses na base do sacrifício assim, sacrifício no sentido assim, era o mínimo que eu queria fazer para ele pobrezinho, e ele nasceu com quatro quilos e meio, então era ((rindo)) muito pesado”*.

Podemos dizer que o filho foi planejado pelo casal e que gerou uma grande satisfação em Fernanda. Nesse trecho da entrevista ela deixa transparecer seu senso de responsabilidade ao dizer que *“era o mínimo que eu queria fazer para ele”*. Em outros momentos da entrevista a preocupação com os filhos também aparece, sobretudo em eventos posteriores à cirurgia (serão analisados a seguir). Há o interesse de Fernanda de, ao falar da família, ressaltar o sentido positivo das relações estabelecidas em seu interior. Esse é o modo como Fernanda a representa.

Então, no ano de 1984, quando seu segundo filho estava com oito meses, a biografada se submete ao procedimento cirúrgico em São Paulo. Na primeira parte da entrevista ela relata esse evento de maneira breve. Entretanto, anotei o tema e, por ocasião da segunda parte da entrevista, solicitei a ela que aprofundasse o relato, contando detalhes de sua experiência.

De maneira descontraída, como costuma tratar os relatos com maior carga de tensão (considerarei a hipótese de já estar reconciliada com o seu passado, dada a maneira como expõe a narrativa, sem a tensão característica do falante que está narrando experiências que ainda abalam a consciência, que podem inclusive nem serem mencionadas), questionou: *“Tu quer quanto do circo de horrores”*.

Cumprir referir que o evento da cirurgia (1984) só pode ser compreendido quando relacionado com as complicações que Fernanda teve no pós- cirúrgico (1984). Fernanda trata não tanto da cirurgia em si, mas das experiências dolorosas que se seguiram ao procedimento e que duraram cerca de um ano. As experiências imediatas subseqüentes dizem respeito ao sofrimento intenso devido às dores da infecção e a preocupação com os filhos. Conforme relata: *“Qualquer cirurgia que infecte já é ruim, né, imagina na coluna, daí me dava choques,*

*assim, a própria infecção junto nos tecidos ali, é, eu tinha choques assim do nada, de mim mesmo, era uma coisa horrorosa”.*

A temática da família reaparece nessa parte da narrativa. Agora é a preocupação com os filhos que é apresentada pela biografada: Fernanda narra que quando foi fazer a cirurgia em São Paulo, teve que deixar os dois filhos com os avós. Antes, explicou ao filho maior, que estava com dois anos, que iria ficar um tempo fora, que colocaria um gesso e que tudo ficaria bem. Entretanto, por ocasião do imprevisto da infecção que adquiriu quando já estava em casa, teve que voltar para São Paulo para drenar o abscesso, mas não avisou para o filho, que imaginava que estava apenas passando um fim de semana na casa da avó. Mas ocorre que ele descobriu a verdade, revoltou-se, e isso gerou certo desconforto na mãe:

*Tu não tem idéia do que isso significou, assim, de- dentro do coração de mãe e de pai, a gente ligava pra saber como é que ele tava e a minha sogra dizia vem falar com a mamãe e ele gritava **não**, com toda força do pulmãozinho dele, **ai** e aquilo era uma facada assim, hum, **nossa senhora**, mas acaba passando.*

Aqui, aos sofrimentos físicos enfrentados pela biografada somam-se os sofrimentos psíquicos por ter causado essa contrariedade ao filho. Essa análise nos remete a importância que confere à família e o modo como a valoriza em sua apresentação, a representando como estruturada.

Nesse período, Fernanda começa a fazer tudo que é possível para diminuir a dor na coluna: vários tipos de fisioterapias, Reeducação postural global e etc. Entretanto, a busca por alívio físico e psíquico vai colocar Fernanda diante de um horizonte novo de símbolos e significados, e essa descoberta fará com que ela passe a interpretar o mundo e a orientar suas ações de maneira diferente.

#### 4.6 O MOMENTO DE CRISE E A BUSCA POR SENTIDO

A narrativa ainda está situada no pós- cirúrgico (1984). As dores eram constantes e o abalo emocional e a depressão começam a tomar conta do psiquismo de Fernanda. O momento de crise estava configurado. Em suas palavras: *“Chegou uma hora que eu tava **tão deprimida, tão deprimida**, que eu=eu, foi tipo um divisor de águas também, eu dizia **tu tem que rezar**, para mim mesma eu dizia, **tu tem que rezar, pedir ajuda**”.*

Nessa busca por alívio físico e psicológico, já que a biografada se encontrava vulnerável em função da doença na coluna e das complicações que enfrentava após a cirurgia,

Fernanda entra em contato com o Espiritismo<sup>17</sup>. Segundo avalia, isso foi bem importante e abriu a ela um leque de espiritualidade que antes não possuía.

Fernanda relata que uma noite, enquanto estava internada no hospital, veio uma enfermeira na troca de turno, lhe conferiu alguns cuidados, pegou na sua mão e disse: “*Fernanda, em vez de ficar perguntando porque que te aconteceu essa infecção, tenta perguntar para que*”.

Não podemos afirmar ao certo se a enfermeira era espírita com base apenas nessa declaração. Entretanto, ao utilizar a expressão “*para que*” em sua indagação, pudemos captar a existência de um sentido latente na fala, em que ela busca comunicar e persuadir Fernanda sobre a existência de uma espécie de propósito para o seu sofrimento. O “*para que*” pode ser compreendido como: qual o propósito disso, o que você pode aprender com isso.

Essa fala teve um impacto emocional profundo em Fernanda, que após essa experiência, pôde aliviar um pouco a sua tensão emocional.

*Aquilo foi como se tivesse arrancado um véu assim na minha frente tipo, obvio, pra baixar tua crista ((rindo)), para de ser orgulhosa sabe pede ajuda, daí eu comecei rezar assim ó: do fundo da minha alma e consegui chorar também, e aquilo foi um alívio tão grande, tão grande, tão grande, foi (3) foi uma experiência espiritual mesmo, né.*

Ao avaliar que teve uma experiência espiritual, deve-se atentar para o fato de que Fernanda avalia essa experiência com o olhar que possui atualmente e que foi se constituindo no decorrer de suas vivências biográficas. No momento em que ocorreu o fato, Fernanda ainda não tinha dado crédito a uma visão espírita da realidade. A religião nunca figurou como um dos interesses principais de Fernanda, que até então se mantinha indiferente a essas questões metafísicas.

Este é, portanto, o modo como Fernanda significa a ocorrência. Segundo Langle (1990), há casos, devido a uma situação extrema, em que as coisas deixam de ter um sentido e não há mais motivação para o prosseguimento na vida. Tudo passa a ser olhado com indiferença. Chega um dado momento em que a crise acentuada reclama uma atitude, é preciso acabar com ela. Uma alternativa pode ser a fuga pelo suicídio, a outra, uma busca por sentido.

---

<sup>17</sup> O espiritismo é uma religião que surgiu no século XIX, na França, sendo codificada por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail. As principais crenças espíritas são: a existência de Deus; a existência da alma ou espírito, que é anterior ao corpo e a ele sobrevive; a crença na reencarnação; a caridade como único meio de salvação e a orientação evangélica baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo (Livro dos Espíritos, 2001).

Para Frankl (1990), o homem é um ser que busca de maneira interminável um sentido, já que o confronto com a culpa, o sofrimento e a morte são inevitáveis. Trata-se de extrair dos aspectos negativos que foram vivenciados, um sentido, transformando-os em algo positivo: “O sofrimento, em desempenho; a culpa, em mudança; a morte, em estímulo para uma prática responsável” (FRANKL, 1990, p.13-14).

Não que o sofrimento seja necessário para que o indivíduo empreenda uma busca por sentido, o que o autor pretende afirmar é que, a despeito do sofrimento experienciado, é possível encontrar um significado para ele, desde que o sofrimento seja algo inevitável e não possa ser afastado ou remediado, seja ele derivado de uma causa psicológica, biológica ou sociológica (FRANKL, 1990, p.25).

Em muitos casos, a doença tem o poder de alterar ou agir como um elemento de ruptura de um fluxo de experiências cotidianas, levando a pessoa enferma a reorganizar as suas atividades de rotina (GOMES et al., 2002). Com relação à biografada, pode-se observar, além de uma reorganização da vida cotidiana, que começou desde o momento da descoberta da escoliose grave na coluna (momento em que estava com sua avó), uma reorientação em termos de sentido e de visão da realidade. Ademais, o assentimento a essa nova visão de mundo irá mudar a maneira como Fernanda compreende as ocorrências subseqüentes e dirige suas ações. Nesse sentido, Langle considera que: “A direção que imprimo à minha vida emerge das decisões para valores que torno realidade” (LANGLE, 1990, p.60).

O assentimento a visão espírita de mundo por parte de Fernanda veio por ocasião de uma experiência fortuita, quando ainda estava no hospital. A namorada de um primo do seu marido, ao lhe fazer uma visita, trouxe a ela alguns livros normais de literatura, com o propósito de entretê-la. Entretanto, havia um livro espírita no meio deles, e isso chamou a atenção da entrevistada, segundo ela mesma relata.

*Daí entre livros normais de literatura ela trouxe um livro espírita, que eu me lembro até hoje qual foi, se chamava Sexo e Destino do André Luis, é um livro, fortíssimo, dentro da literatura espírita, eu li aquilo e disse (expressão de espanto) existe mais coisa entre o céu e a terra, né, aí quando ela voltou eu disse pra ela, eu quero a base disso aqui, eu quero entender o que é que ta por trás de todas essas coisas diferentes.*

A fala de Fernanda deixa transparecer o que já havíamos comentado: ela dá o seu assentimento a essa visão de mundo e passa a buscar mais literatura a respeito, com o intuito de conhecer os fundamentos sobre os quais repousa essa nova maneira de compreender e interpretar a realidade. Há uma mudança no olhar de Fernanda sobre o tema, pois segundo

relatou, a sua sogra sempre foi espírita e ela às vezes era obrigada a ouvir suas estórias. Segundo narra, era paciente com ela, pois acreditava que a sogra tinha que se apegar em alguma coisa. Entretanto, com relação às estórias contadas, não dava muito crédito, de modo que elas “*entravam aqui e saíam ali*”.

Então, havia a possibilidade de Fernanda não acolher a doutrina espírita como uma crença válida, e isso poderia ter algum impacto biográfico, pois Fernanda teria algumas outras opções de como interpretar a doença e o sofrimento enfrentado a partir de outras fontes de sentido, seja nas diversas religiões, na filosofia ou na própria ciência, já que era uma estudante de medicina. Havia ainda a possibilidade de Fernanda não suportar os sofrimentos que estava enfrentando, buscando dar cabo à própria vida. O que não é nem um pouco recomendável, mas que diante de uma situação de intenso sofrimento é possível que ocorra.

Contudo, o sentido oferecido pela doutrina espírita não se chocava com a visão científica materialista em que Fernanda estava sendo formada, além de ser um meio de significar e suportar o sofrimento que estava enfrentando. Em suas palavras: “*Mas aquilo daí assim fez um sentido, era uma coisa que não, não se chocava em nada com a, com o meu pensamento científico, vamos dizer, só que me abria uma dimensão, que eu tava sedenta por, e não tinha: nunca acessado*”.

A partir de então, o olhar de Fernanda passa a estar condicionado pela visão de mundo da qual deu seu assentimento, e isso fica claro nos eventos que seguem, quando Fernanda volta para Porto Alegre depois de um mês internada a fim de curar a infecção. A infecção ainda não estava totalmente curada, pois quatro dias depois os abscessos voltaram. O médico preocupado orientou o casal a voltar para São Paulo e continuar o tratamento, mas o marido não seguiu essa diretriz e decidiu tratar a esposa, já que também era médico, em casa, por sua conta e risco.

Então, ele montou uma espécie de UTI em sua residência, fazia curativos em Fernanda de quatro em quatro horas, negociava os seus plantões no hospital. Ao longo dos cuidados que dispensava à esposa, uma ocorrência chamava a atenção: uma lâmpada que tinha mau contato acendia. No terceiro dia do ocorrido os esposos conversaram sobre a ocorrência e o significado que atribuíram comprova a análise de que o sentido sobre o qual assentiram ou concordaram, passou a condicionar suas interpretações sobre a realidade. Segundo avaliação da entrevistada: “*Era uma coisa assim ó:, é que pra nós foi como se, houvesse essa ajuda espiritual, tipo assim, ó vão firme que vocês estão fazendo a coisa certa, né*”.

O lócus de onde Fernanda retira os significados com o propósito de dar sentido às ocorrências cotidianas deriva de um universo restrito de significação, pertencente ao mundo

de sentido comum, que Berger e Luckman denominam como subuniverso de significado. A linguagem é o elemento fundamental para a construção dessas grandiosas edificações de representação simbólica que parecem sobrepujar ou mesmo elevar-se sobre o realismo da vida cotidiana ou do mundo de sentido comum, como presenças de uma outra realidade, de um outro mundo (BERGER e LUCKMANN, 2002) .

Os empecilhos da infecção duraram cerca de um ano, depois disso Fernanda começou a trabalhar como médica, no ano de 1986.

Antes de adentrar nas experiências de Fernanda como médica, cumpre referir alguns processos sociais que estavam em curso no período (meados de 1988) e que, se não tiveram um impacto imediato para a biografia de Fernanda, serviram como pano de fundo para as escolhas futuras dela, pois, quando fez a opção pelo trabalho voluntário, a cultura e o conhecimento sobre a prática já se encontravam difundidos em diversos meios de comunicação, e isso ocorreu muito em função do processo de redemocratização do país em 1988, quando houve o aumento do número de ONG's e um apelo maior ao trabalho voluntário (MATTOS e DRUMMOND, 2005; SBERGA, 2001) <sup>18</sup>.

Araújo (2008) refere que a transição do regime militar para a democracia teve início nos anos de 1980 e só ocorreu devido a fatores econômicos e políticos, pois a realidade social brasileira já reclamava a introdução de medidas que favorecessem o afrouxamento político. Isso possibilitou que a sociedade civil pudesse expressar seu descontentamento através de reivindicações de variadas ordens, não deixando de ser um lócus de indignação e resistência (ARAÚJO, 2008).

A experiência como médica aparece na narrativa de Fernanda inserida no contexto de seu interesse maior de apresentação, estando, portanto, relacionada em alguma medida às limitações e sofrimentos decorrentes da doença que teve na coluna. O fato de começar a narrar suas vivências na medicina pelo modo como se deu a aposentadoria, parece confirmar essa hipótese.

Quatro anos após ter começado a trabalhar como médica (1986), a entrevistada fez uma especialização em homeopatia, e a partir disso tornou-se médica homeopata. Segundo argumenta, cabe ao médico homeopata formular o remédio certo para cada paciente, de acordo com suas especificidades: *“Tu procura sempre o= remédio certo de cada pessoa assim, não é: tal remedinho pra asma, tal remedinho pra tal coisa, é muito mais profundo”*.

---

<sup>18</sup> Este tema é bem desenvolvido no capítulo 2 da presente dissertação. As referências aqui servem apenas para contextualizar esse período no qual se desenrolam as ações de Fernanda.

A experiência narrada por Fernanda é sobre a impossibilidade de continuar trabalhando devido ao problema na coluna. Segundo relata, estava no meio de uma consulta com uma paciente nova, e já não conseguia suportar as dores. Ela já estava com muita vontade que a consulta terminasse. Nesse momento, Fernanda se repreende moralmente e chega à conclusão que não está mais em condições de trabalhar. Em suas palavras:

*Essa senhora foi embora, eu pensei, não tá certo, ela veio buscar uma médica com o ouvido atento pra ela, e eu só queria que ela fosse embora, né, e daí eu chamei a secretária e disse pra ela, **Iolanda eu não vou mais trabalhar**, eu vou atender quem já tá marcado, e tu não marca mais nenhuma consulta nova.*

A intenção de apresentar-se como uma pessoa com grande senso de responsabilidade reaparece também em outros momentos da narrativa, principalmente quando Fernanda já está decidida a engajar-se no voluntariado. Fazer as coisas certinhas, ser cordata, parece ser um dos traços que Fernanda carrega da infância até a vida adulta.

Cumprir referir que as consultas que já estavam marcadas são então repassadas a outros médicos homeopatas. A entrevistada deixou seu telefone à disposição dos pacientes, não para continuar com o tratamento, mas em caso de dúvidas quanto à transferência das consultas.

Aqui a fala de Fernanda está referindo-se a um período recente, mais precisamente a meados de 2005, momento em que toma a decisão de se aposentar. Ela avalia essa resolução como a melhor coisa que fez na vida, pois tinha que atender três ou quatro pacientes por dia e o trabalho ainda continuava em casa: se detinha a estudar por mais uma hora as fichas, com o propósito de se apropriar dos casos. Entretanto, já não estava mais em condições, por isso resolveu seguir a vida e esperar até que recebesse os proventos oriundos da aposentadoria.

A decisão de se aposentar coincide com o período da menopausa de Fernanda, em que há um aumento substancial das dores na coluna. Se em um primeiro momento o sofrimento enfrentado possibilitou a Fernanda a busca por um sentido, nessa fase da biografia Fernanda irá buscar se engajar no movimento voluntário, com o objetivo de realizar um trabalho de assistência.

#### 4.7 A MENOPAUSA E A VOLTA DAS DORES

Ao entrar no período da menopausa, em meados de 2005, Fernanda começa a sentir fortes dores novamente e agora, como médica homeopata e dando crédito a uma visão espírita

da realidade, não queria tomar os remédios, pois acreditava que a dor estava lhe sinalizando algo. Contudo, devido a isso, a dor se tornou crônica, segundo nos relatou: “*Como médica homeopata não queria tomar remédio (3) hum (3) achava que sim, a dor tava me sinalizando alguma coisa, que eu tinha que aprender, e não sei o quê e aí virou dor crônica, que é muito pior ainda do que dor*”.

Nessa fase da vida, Fernanda não precisou de uma nova cirurgia, contudo, teve que utilizar um tratamento a base de remédios, analgésicos fortes que continham uma substância chamada codeína. Essa substância acaba viciando o paciente e embotando um pouco os seus reflexos. Em função disso, ela sofreu um pequeno acidente de carro no ano de 2011. Então, mesmo recorrendo em um primeiro momento à medicina tradicional, o acidente fez com que acabasse buscando novamente as terapias alternativas, fato que descreve nos seguintes termos:

*E eu digo não, não pode ser, aí comecei a procurar outras coisas pra ver se eu conseguia driblar a dor de outras formas que não fosse: farmacologicamente (4) e daí fui, entre todos os terapeutas que tu possa imaginar, de fisioterapia, com mais ou menos grau de: de outras percepções assim, nesse meio existem muitas pessoas que são terapeutas terrenos, vamos dizer assim, mas que também tem uma percepção de sensitivos, além do óbvio, além do que se vê, sabe.*

O que se percebe na fala de Fernanda é que já está plenamente socializada e, portanto, condicionada/orientada por uma leitura espírita/espiritualista da realidade<sup>19</sup>. Há, inclusive, uma espécie de posição radical ao rejeitar os benefícios que poderia auferir da medicina tradicional, acatando tão somente as terapias alternativas. Queria encontrar “meios para driblar a dor”, mas o seu sistema de relevância (Schutz, 1979), já tinha sido elaborado e reorientado desde o processo de adoecimento, quando buscou uma maneira de interpretar/compreender o sofrimento através do espiritismo.

Um fato que acabou reforçando os valores e crenças de Fernanda (ou seu sistema de relevância) foi uma experiência que ocorreu com ela na praia. Para compreendê-la iremos retroceder um ano, até 2010, período biográfico relativamente recente.

Certa feita, quando estava a desfrutar de um momento de lazer na praia, e já acometida pelas dores que voltaram por ocasião do processo da menopausa, Fernanda conhece uma pessoa que, conforme avalia, tinha uma grande elevação espiritual, e essa pessoa lhe sugere um trabalho voluntário:

---

<sup>19</sup> A base na qual se assenta a religiosidade de Fernanda é espírita, contudo ela vale-se também de outros tipos de terapias e crenças com o propósito de aliviar o sofrimento. Pode-se considerar que Fernanda é uma espírita heterodoxa, aberta a outras questões.

*Aí, uma vez na praia:, uma pessoa de uma elevação espiritual muito grande, amiga de uns amigos nossos, me ajudou a passar protetor nas costas e ela teve tipo uma coisa mediúnica assim, ela disse, eu to recebendo uma coisa pra ti como se fosse o teu anjo da guarda, ta te dizendo que tu tem que ser voluntária, tu tem que trabalhar com arte e com crianças (5) aquilo me marcou **muito** assim, **muito**, porque enfim, todo o cenário tava montado aí vem uma: coisa do além assim.*

Essa experiência fez sentido para Fernanda pois ela já estava socializada de acordo com essa visão da realidade. Para uma pessoa de orientação materialista, por exemplo, uma experiência espiritual seria concebida de acordo com um referencial teórico-conceitual não aberto a questões como essa, de modo que a mesma experiência não teria impacto semelhante na consciência. Aqui, a religião de Fernanda está funcionando como uma espécie de lente através da qual ela enxerga a realidade. E essa forma de pensar e de sentir as coisas está fortalecendo seu sistema de relevância, condicionando, portanto, as suas decisões e definições situacionais.” Experiência mediúnica”, “anjo da guarda” e “coisas do além” são expressões que se referem a uma certa concepção da realidade da qual Fernanda assentiu e incorporou ao seu repertório lingüístico.

No momento em que esse fato ocorreu, Fernanda tinha a opção de atender prontamente e já se engajar em uma atividade voluntária. Entretanto, estava sofrendo de dores intensas na coluna que a limitavam muito em suas atividades diárias. Para ir à praia, por exemplo, necessitava da ajuda dos amigos, que davam carona a ela para ir até lá (a praia ficava há três quadras da casa em que passava o verão) porque ela não conseguia caminhar direito. Esse não era o momento adequado, portanto, para se engajar em alguma causa de interesse social:

*Aí eu ainda tinha tanta dor na época que eu não tinha como nada assim eu não podia nem pensar em fazer, trabalho com outras crianças porque eu não= não chegava nem pra mim (3) pra tu ter uma idéia, os amigos me pegavam de bug para ir para beira da praia assim, porque eu não conseguia caminhar.*

A pessoa com a qual Fernanda teve contato na praia trabalha com crianças excepcionais em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do sul. Segundo avalia: “Na vida dela isso é muito normal assim, esse contato entre as duas esferas, assim, os dois planos”.

Ao argumentar desse modo, a biografada nos revela de maneira indubitável a forma como interpreta essa experiência, pois, segundo Rosenthal (2014), as argumentações são idéias e reflexões de caráter mais geral e que revelam de maneira mais intensa o aqui e agora

do interlocutor. Novamente podemos analisar criticamente o vocabulário que Fernanda utiliza para comunicar sua experiência na praia: as expressões “duas esferas”, “dois planos”, fazem clara referência ao que na doutrina espírita se convencionou chamar de “mundo material”, referente à dimensão da vida em que os espíritos encarnados interagem; e o “mundo espiritual”, na crença espírita, uma dimensão do espaço-tempo em que os espíritos desencarnados vivenciam suas experiências no *post mortem* (KARDEC, 2001).

Embora tenha uma base religiosa espírita, cumpre referir que Fernanda se diz aberta a outras religiões como o budismo e o hinduísmo, doutrinas das quais gosta bastante. Ela avalia que sua religiosidade se tornou “*mais permeável*” ao longo dos anos.

Ao buscar formas para driblar a dor que não através da medicina tradicional (estava descontente em função do acidente de carro que teve quando tomava os analgésicos), Fernanda começa uma terapia alternativa, denominada terapia holística. Esse terapeuta foi sugerido pelo seu filho mais velho. As terapias compreendem acupuntura, schiatzu e inclusive, sangria, uma prática que remonta ao período medieval, mas que é avaliada positivamente pela entrevistada. O possível fracasso dessa terapia poderia fazer com que Fernanda fizesse uma avaliação dos fundamentos sobre os quais essa prática repousa, buscando uma nova maneira de significar e enxergar a realidade. Seria como uma inflexão interpretativa, a busca por um sentido novo, o que acabou não se verificando ao longo da narrativa.

#### 4.8 O MOMENTO DE ENGAJAMENTO E A EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIA

Então, ainda em processo terapêutico, Fernanda atravessa um novo momento de crise no ano de 2012, uma situação em que ela descreve como estar no buraco. Isso fez com que ela buscasse informações sobre a atividade voluntária:

*Quando eu tava muito no buraco ainda e aquela moça já tinha me dito que seria uma coisa que eu deveria fazer voluntariado, eu entrei no site da xxxx<sup>20</sup> e por um link e outro daquelas navegações a esmo que tu faz na vida (3) cai num artigo, sobre as motivações das pessoas pra fazer trabalho voluntário.*

Aqui cabe uma análise importante: ao buscar informações sobre a atividade voluntária com o possível propósito de engajamento, nota-se que Fernanda refere-se à experiência que

---

<sup>20</sup> A instituição que foi ocultada pela legenda capacita e aloca voluntários para diversas instituições sociais. Ocultamos seu nome para preservar o anonimato da nossa biografada.

teve na praia, quando uma moça lhe sugeriu trabalhar com crianças de maneira voluntária. A experiência da praia representa os valores e conceitos dos quais a entrevistada deu assentimento ao longo de sua biografia. Parece-nos que esses valores foram acionados no momento da crise. A crise ou para utilizar uma metáfora que Fernanda utiliza, “o buraco”, serviu como um gatilho que fez ressumar as crenças e os valores dela, a orientando para uma situação de engajamento na atividade voluntária.

Ao ler o artigo sobre as motivações para se realizar a atividade voluntária, Fernanda entra em uma espécie de crise moral, pois se descobre não apta a realizar a atividade devido aos seus propósitos egoístas, ou segundo mesmo avalia, “*calhordas*”. Ela não queria fazer uma barganha com Deus em troca de algum benefício, queria se sentir apta a doar-se. Em suas palavras: “*E daí eu fiquei mais dois anos e meio melhorando, me trabalhando, até que eu tivesse me sentindo apta a poder dar de mim e não fazer uma barganha, como uma troca, um escambo com Deus, né*”.

Esse senso de responsabilidade de Fernanda já foi comentado ao longo do texto, sobretudo no trato com os filhos. Entretanto, em uma análise mais profunda, podemos inferir que esse desprendimento a que a entrevistada se refere, remete ao conceito de caridade presente na doutrina espírita, base de sua religiosidade e subuniverso de significado de onde orienta parte de suas ações.

Segundo o espiritismo, a caridade é contrária ao egoísmo na medida em que é uma ação orientada para o outro, buscando beneficiá-lo sem cogitar dos próprios interesses (KARDEC, 2001)<sup>21</sup>. Fernanda queria ser altruísta, doar-se, transformando o sofrimento em um valor para sua vida, um meio de crescimento pessoal. Isso representa, em uma leitura Schutiziana, *o motivo a fim de sua ação*, ou o propósito que ela deseja atingir com a mesma.

Outro aspecto que cabe referir é que no período em que buscou informações a respeito da atividade pôde encontrar devido à difusão de uma cultura e de uma rede de conhecimento sobre a prática da qual pôde ter acesso.

Segundo Meister (2003), com o passar dos anos o movimento voluntário passou a se organizar em centros. Estes, além de possuir as atribuições de capacitar e enviar os voluntários às instituições para o trabalho, também possuem características próprias em função do contexto social e de suas necessidades. O autor ainda considera que apesar de estarmos vivendo na sociedade da informação, é comum as pessoas interessadas em se

---

<sup>21</sup> Esse conceito de caridade, um dos fundamentos da doutrina espírita, encontra-se diluído em grande parte das obras espíritas, sobretudo nos cinco principais livros de Allan Kardec (O que é o espiritismo, O livro dos espíritos, O evangelho segundo o espiritismo, A gênese e o Céu e o Inferno).

engajar no voluntariado não conhecerem os diversos tipos de instituições que poderiam beneficiar. Desse modo, os centros podem facilitar esse trabalho na medida em que contribuam para que as pessoas tenham essas informações (MEISTER, 2003).

Já decidida a engajar-se na prática voluntária, Fernanda faz uma entrevista, no ano de 2012, na ONG Voluntariar, que possui essas características e é responsável por organizar o trabalho voluntário em uma universidade:

*Achei que assim ó, era se inscrever ali no voluntariado e já ser engajada em alguma coisa (3) daí não é nada disso, tu faz uma entrevista na ONG, que coordena, tu faz uma entrevista, tu coloca as tuas motivações, é um trabalho muito bonito que o voluntariar faz, é o nome dessa Ong que coordena todos as coisas voluntárias da universidade.*

Há uma questão importante que surge nesse momento quando analisamos a situação de engajamento que Fernanda resolveu levar a termo, que é a consonância entre os propósitos da instituição com os interesses dela. Havia a possibilidade de não haver uma sintonia na relação entre as partes, devido a um mau atendimento ou orientação por parte da entidade com relação a ela. Isso poderia desmotivar Fernanda a realizar alguma atividade, o que não se verificou. Não se pode mensurar em que medida a boa acolhida e o profissionalismo da entidade influenciaram ou contribuíram de alguma forma para manter sua motivação, entretanto, o trabalho realizado pela instituição é avaliado como “*bonito*” e a instituição percebida como “*muito bem estruturada*”.

Então, no ano de 2013, Fernanda é acolhida em um hospital para trabalhar com idosos, na parte da geriatria. Nesse período, estava cuidando da sogra, que estava residindo em sua casa devido a um problema de saúde: estava com Alzheimer. Segundo avalia, o gênero de trabalho foi escolhido em função dessa situação, pois queria aprender a ter a paciência necessária para lidar com essa situação difícil.

Todavia, a sogra começou a ter surtos psicóticos e teve que ser internada para maiores cuidados:

*Ela me teve como filha desde o primeiro minuto que a gente se conheceu, e eu pude ter ela lá em casa com todo o amor e carinho realmente nove meses, até que não deu mais quando ela começou a ter surtos psicóticos, daí ela teve que ser internada e, mesmo assim, a última pessoa que ela reconheceu foi a mim.*

Novamente surge o tema da família na narrativa e, embora o discurso refira-se a uma situação dramática vivenciada, os laços, o cuidado e a boa estrutura familiar ressumam na fala de Fernanda, de modo que isso serve para reforçar a hipótese de que, em assuntos de família,

há o interesse de Fernanda em destacar os valores e os bons relacionamentos, que são elementos presentes na representação que Fernanda faz de sua família como sendo bem estruturada.

Quando não podia falar com os idosos, pois muitos já apresentavam comprometimentos intelectuais devido à idade avançada, a entrevistada conversava com os familiares e com os cuidadores. O que os organizadores do projeto esperavam dos voluntários era que fossem atenciosos com os idosos, empáticos e que, nos dizeres da entrevistada, “*agüentassem tudo até o fim*”. Essa expressão faz referência às dificuldades enfrentadas ao longo de todo e qualquer trabalho voluntário e as habilidades do voluntário no que se refere à paciência e a resistência emocional. Muitos voluntários não agüentam as primeiras dificuldades e acabam abandonando suas tarefas.

O trabalho com os idosos na geriatria durou cerca de dois anos, então a biografada começou a se sentir desmotivada a continuar. Já não tinha tanta vontade de ir para o Hospital. Soma-se a isso, o fato de que a geriatria do Hospital mudou de lugar, ficando menos aconchegante. O projeto da qual participava era no começo chamado de Voluntário cidadão, e tinha o propósito de estimular os voluntários a contar histórias para os internados com o objetivo de entretê-los, aliviando, com isso, um pouco dos seus sofrimentos. Contudo, com o passar do tempo os organizadores perceberam que era muito mais produtivo estimular os idosos a contar as suas próprias histórias, valorizando suas experiências e, portanto, os valorizando como sujeitos.

Então o projeto passou a se chamar Escuta Solidária, e tinha como principal objetivo estimular o diálogo empático entre os voluntários e internados. Nesse momento, meados de 2015, Fernanda começou a trabalhar com pacientes que estavam fazendo hemodiálise, quimioterapia e radioterapia. Ela descreve o seu trabalho atual nos seguintes termos:

*A gente ouve cada história de: superação, de vontade de viver, de gana (...) que a pessoa tá ali naquela pindaíba e: daí eu falo empaticamente assim, o que que ela tá sentindo, como é que tá sendo, qual é, né, assim, com uma coisa de uma naturalidade muito grande.*

O gosto pelo trabalho funciona como uma motivação imediata que faz com que Fernanda não abandone a atividade e deixe de realizá-la. Segundo argumenta, o trabalho a possibilita resgatar momentos positivos da vida das pessoas, pois quando se experimenta uma situação difícil, as coisas boas ficam como que embotadas, com uma nuvem em cima, uma neblina, e a possibilidade de ajudar, nesse sentido, enche ela de entusiasmo. Fernanda

exemplifica essa argumentação com um relato breve sobre a atividade:

*Daí eu perguntava as vezes, sei lá, o que a senhora gostava de fazer quando era moça (3) **ai eu gostava de dançar**, pronto, daí eu já puxava aquele assunto e já: aí a pessoa já revive, já fica com outro brilho no olho, e vai poder lembrar disso depois que eu for embora né, vai lembrar, **bah é mesmo como era bom aquela parte né**, então esse tipo de: de tu resgatar coisas boas da vida das pessoas.*

O resgate das coisas boas pode ser traduzido como o resgate da dignidade da pessoa que se encontra fragilizada devido a uma situação difícil, e que não consegue, em função disso, divisar nenhum sentido que lhe confira esperança em dias melhores. Fernanda pode falar com propriedade sobre o assunto, pois as experiências que passou em função da doença serviram a ela como um momento em que pôde revisar seus valores e empreender uma busca por sentido.

Nos momentos de dificuldade, Fernanda sempre contou com o apoio dos familiares, do médico que lhe apoiou, dos variados terapeutas que lhe ajudaram e, sobretudo, de seu marido, presente nos momentos mais graves de sua doença. A ajuda nunca tardou a aparecer nos momentos de maior dificuldade. A maneira como enfrentou as dificuldades e o aprendizado auferido a partir da situação de adoecimento são assim colocados por ela: *“Percebi que essa minha vivência: de tá no fundo do poço, hum, também foi um degrau de crescimento pra mim, né, e: de enfim, trabalhar o orgulho o egoísmo, eu nunca tive nenhuma dificuldade na vida a não ser tudo em torno da coluna, né”*.

Aqui, a expressão *“degrau de crescimento”* e a ideia de trabalhar o orgulho e o egoísmo revelam os valores atuais de Fernanda, sua perspectiva no presente, pois já fora socializada dentro de uma perspectiva espírita. O orgulho e o egoísmo são muito combatidos pelos espíritas por serem frontalmente contrários à virtude da caridade, meio através do qual o espírito evolui a um estágio superior de consciência (Kardec, 2001) E mais: traduzem o interesse e o sentido geral da narrativa, em que a biografada apresenta as dificuldades, os sofrimentos, bem como os meios que usou para enfrentá-los e transformá-los em valores e aprendizados para a vida.

Fernanda trabalha até os dias atuais como voluntária do Projeto Escuta Solidária. Trabalho que a deixa muito motivada, feliz e cheia de histórias para contar.

#### 4.9 OS MOTIVOS PORQUÊ DA AÇÃO DE ENGAJAMENTO NO VOLUNTARIADO

Após a reconstrução da biografia de Fernanda e a análise prévia feita através de literatura especializada, com vistas a esclarecer alguns conceitos importantes, o leitor já pode intuir sobre os *motivos porquê* da ação de engajamento na atividade voluntária. Só para recordar, os *motivos porquê*, de acordo com Schutz (2008), são os motivos biográficos, as experiências de vida que conduzem ou orientam o ator social a uma determinada ação, estando além do significado imediato que o agente tem dessa mesma ação (ver capítulo 3).

Até tomar a decisão de engajar-se em uma atividade voluntária, algo que aconteceu no ano de 2011, em um momento em que as dores na coluna se acentuaram, Fernanda percorreu um longo caminho biográfico. A ela estava disponível um vasto repertório de opções de modos de vida e de caminhos de ação. As escolhas de Fernanda ao longo da biografia foram feitas tendo fundamento em seu sistema de relevância que foi orientado de acordo com suas experiências de vida.

As experiências de Fernanda estão de tal modo encadeadas umas as outras que a separação só pode ser feita para fins de análise. A experiência de adoecimento é central na vida da entrevistada. A infância dela pode ser dividida entre o antes e o depois da descoberta da escoliose grave na coluna. A partir da descoberta da doença na coluna (1964) Fernanda vê-se obrigada a buscar por ajuda médica. A doença na coluna e as limitações que decorrem dela vão atravessar toda a biografia de Fernanda. Todas as suas experiências posteriores guardam relação com a doença.

Entretanto, a situação de sofrimento engendrada pela doença fez com que Fernanda empreendesse uma busca por sentido: queria entender o seu sofrimento, dando um significado para ele para melhor suportá-lo. O contato com o espiritismo, que é uma doutrina com conotações metafísicas, fez com que Fernanda passasse a dar um novo sentido para a doença. Ao dar crédito e assentimento a essa visão da realidade, Fernanda passa por um processo de socialização, que poderíamos chamar de socialização secundária, que exige do ator social, entre tantas coisas:

A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. Ao mesmo tempo, são também adquiridas compreensões tácitas, avaliações e colorações afetivas desses campos semânticos (BERGER e LUCKMANN, 2002, p.185).

Ao internalizar esses valores e significados, as interpretações e escolhas de Fernanda passam a ser orientadas por eles. Dito de outro modo, o seu sistema de relevância passa por uma profunda modificação, e isso foi analisado ao longo de toda a reconstrução biográfica. As “experiências paranormais” no período pós- cirúrgico, quando estava sendo cuidada pelo seu marido; a própria escolha por uma especialização em homeopatia; a crença de que a dor estava lhe “sinalizando algo” e a busca por terapias alternativas revelam o impacto que esse processo de socialização secundária teve.

Esses valores oriundos desse “submundo” e que são interiorizados por ocasião da socialização secundária são realidades parciais, em contraste com o mundo da socialização primária, que é uma realidade básica para a vida em sociedade (BERGER e LUCKMANN, 2002). Aqui, “submundo” pode ser compreendido como um lócus restrito de significados e valores organizados logicamente.

O Sentido que Fernanda confere à vida (chamamos de uma visão espírita da realidade) atua como uma espécie de lente pela qual enxerga e interpreta suas experiências biográficas. Em uma leitura Schutziana, podemos considerar que esses novos conhecimentos foram incorporados ao seu estoque de conhecimentos e passaram a orientar o seu sistema de relevância. E isso ficou evidenciado também no momento em que as dores na coluna voltaram muito fortes no período da menopausa (2004), até a experiência que teve na praia com uma “médium” que ela conheceu e que lhe sugeriu trabalhar com arte e crianças de maneira voluntária. Fernanda dá crédito a essa última experiência, de modo que as palavras da médium foram acolhidas pelo seu sistema de relevância, já condicionado pela nova leitura que fazia da realidade.

Ao entrar em uma nova crise em função das dores na coluna, no ano de 2011, a primeira experiência que é recordada pela biografada é justamente a experiência que teve na praia. Aqui cabe uma ressalva: a experiência da praia já revela os valores de Fernanda, de modo que podemos dizer que o fato já é interpretado de acordo com eles. As dores que Fernanda enfrentou nesse período não fizeram com que ela empreendesse uma nova busca por sentido, mas apenas possibilitou a ela que utilizasse seu próprio estoque de conhecimento tanto na interpretação quanto na tomada de decisão para realizar atividade voluntária.

Ao declinar de realizar a atividade voluntária em um primeiro momento, por não se sentir preparada para tal, pois estava imbuída de propósitos muito egoístas, fica claro o papel da religião orientando sua conduta. Só após dois anos se trabalhando, sentiu que não iria “fazer uma barganha com Deus”, pois o que queria mesmo era doar-se, ser caridosa de acordo com o entendimento de sua religião. A religião incrementa e de algum modo qualifica a ação

de Fernanda. Ela compreende e orienta o seu sofrimento de tal modo que o transforma em algo positivo, em fator de crescimento pessoal.

Ademais, no momento em que elabora o projeto de ação no sentido de se engajar na atividade voluntária, foi favorecida devido à difusão de uma cultura sobre a prática, que aumentou por ocasião do período após a redemocratização do país e do surgimento de ONG's, entidades através das quais o trabalho voluntário é demandado.

Ao tomar a decisão para se engajar na atividade voluntária, Fernanda já dispunha de informações e canais através dos quais pôde levar a termo o seu projeto de ação. Aqui, como em outros momentos, fica claro a relação entre a situação biograficamente determinada de Fernanda e os caminhos e escolhas disponíveis oriundos do mundo de sentido comum. Em termos sociológicos clássicos, percebe-se a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Ao elaborar o seu projeto de ação, pois queria se tornar voluntária, Fernanda tem consciência dos seus motivos: ela queria doar-se aos outros, dar de si mesma, transformando o seu sofrimento em um valor, em fator de crescimento pessoal. Esses são os *motivos a fim de* da sua ação, os propósitos que ela esperava atingir ao realizar a atividade.

Entretanto, essas elaborações conceituais e desejos só se tornaram possíveis pois Fernanda teve que atravessar um caminho biográfico singular. A cada experiência de vida ela ia agregando novos conhecimentos e mudando a sua visão sobre o mundo que, em uma linguagem metafórica, reclamava a todo o instante novas interpretações. Nesse momento, nós podemos perceber de maneira inequívoca a relação entre os *motivos porquê* e os *motivos a fim de*. Quando projeta a sua ação, e decide trabalhar de maneira voluntária, a consciência de Fernanda já está socializada e condicionada por uma gama de experiências biográficas e processos sociais que a favorecem em sua tomada de decisão, e isso pôde ser verificado através do trabalho de análise que apresentamos ao longo de todo o capítulo 4. Para conhecer os elementos que fundamentam uma ação ou uma tomada de decisão, requer-se um esforço maior de análise e interpretação.

Sendo assim, podemos dizer, de maneira sintética, que o processo de construção do projeto de ação de Fernanda (*os motivos porquê* que o orientaram) compreende quatro momentos básicos e interdependentes, são eles: a) o momento do adoecimento, b) o momento da busca por sentido, c) o momento da socialização secundária e d) o momento da elaboração do projeto de ação.

O adoecimento fez com que Fernanda buscasse um meio para aliviar o sofrimento, que conseguiu o compreendendo através do espiritismo. À busca por sentido e o contato com um novo arcabouço teórico-conceitual seguiu-se um processo longo de socialização que fez

com que Fernanda criasse novas disposições internas para sentir e interpretar a realidade. A volta das dores foram o gatilho e a experiência necessária para que Fernanda pudesse dar vazão aos seus valores através da prática voluntária.

Nota-se que a biografia de Fernanda nos revela uma maneira como esse processo de construção da ação pode ser compreendido. Ao longo da análise fica clara a comunicação entre a situação biográfica de Fernanda e o meio social (ou mundo de sentido comum). As escolhas disponíveis, as escolhas feitas, o sistema de relevância e o modo como o mesmo orienta suas escolhas e projeta suas ações fazem parte de seu contexto biográfico. Contudo, a maneira como a sua ação de engajamento foi sendo construída, a partir de elementos biográficos dos quais nem mesmo a biografada tinha plena consciência, nos revelam o caráter processual de toda a ação humana, que não se esgota no sentido imediato que o ator tem da mesma, pois possui antecedentes biográficos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo buscou-se mostrar ao leitor a importância do tema do voluntariado, tanto em relação aos impactos sociais que as suas atividades promovem quanto ao imbricado processo de construção da ação de engajamento, que pôde ser revelado a partir do estudo biográfico com Fernanda.

De maneira intuitiva somos tentados a pensar a atividade voluntária como um exercício de ajuda ao próximo, que carrega em seu bojo uma virtude valorizada socialmente. Entretanto, a definição da atividade, a partir da bibliografia, conquanto comporte em alguma medida essa característica, é colocada de maneira muito mais complexa. Os elementos que denominamos práticos, como a gratuidade, a não remuneração e o exercício da cidadania podem ser conjugados aos elementos que denominamos de simbólicos, como a busca por sentido através da atividade, a solidariedade que a atividade carrega bem como a reciprocidade auferida a partir da relação de troca. Sem pretender dar uma nova definição conceitual, acredita-se que o exercício de expor variados pontos de vista pode oferecer aos estudos sobre o tema elementos que possam servir a outros pesquisadores que pretendam trabalhá-lo desde uma abordagem conceitual.

O conhecimento das definições serviu como um guia ao longo da pesquisa, pois esse esclarecimento inicial nos permitiu operar e trabalhar com uma categoria que apresenta múltiplas dimensões e que, apesar de todo o conhecimento social e interpretações que os próprios atores sociais possuem dela, requer um olhar analítico, ou, conforme considera Schutz, reclama uma interpretação de segunda ordem.

Ademais, o estudo da bibliografia sobre o movimento voluntário no Brasil favoreceu a compreensão de como essa atividade foi se constituindo ao longo dos anos: pertencendo, em sua gênese, quase que exclusivamente aos meios religiosos e mais recentemente estando mais secularizada e disponível em instituições pautadas pela laicidade, como as ONG's e os movimentos sociais.

A questão do laço social aparece como um dos elementos que o movimento voluntário pode suprir, em face do individualismo crescente na sociedade. A qualificação dos laços através desse movimento de assistência e ajuda mútua pode favorecer a criação de uma cultura nesse sentido e, através dela, mais pessoas podem criar a disposição de se engajar em alguma causa de interesse social, ajudando a promover, com isso, o bem comum.

O objetivo do segundo capítulo foi oferecer ao leitor um panorama da atividade voluntária em nosso país, ressaltando os possíveis impactos sociais que as suas atividades

engendam. O contexto sócio-histórico no qual a atividade vem se desenvolvendo é o substrato no qual biografias e ações são desenvolvidas. Oferecem ao leitor, portanto, uma compreensão razoável sobre a atividade em si e o que ela representa em termos sociais.

A questão do engajamento no voluntariado trabalhada no terceiro e quarto capítulos, contudo, é mais complexa: sua análise requer o conhecimento de uma série de fatores biográficos que vão consolidando certa disposição no sujeito para a prática voluntária.

A nossa biografada é a prova disso. Ao resolver se engajar em uma atividade voluntária, uma série de fatores biográficos contribuíram e orientaram suas escolhas e interpretações. O sofrimento, a busca por sentido, a socialização e a elaboração do projeto de ação são movimentos concatenados e interdependentes que estão compreendidos no que pode-se chamar de os *motivos porquê* da ação de engajamento de Fernanda.

Cada um desses momentos, conforme pôde-se verificar na reconstrução da biografia, compreende por sua vez um conjunto de experiências biográficas que foram narradas e orientadas segundo o interesse de apresentação da biografada. Ademais, a situação biográfica de Fernanda é permeada e influenciada por processos sociais, desde o contato com um espaço de sentido novo, no espiritismo; a socialização, onde ocorreu a interiorização de padrões e valores provenientes desse espaço de sentido; até a situação de engajamento propriamente dita, em que pode dispor de informações sobre a atividade, difundidas nos meios de comunicação, e que se tornaram acessíveis a ela.

Conforme analisou-se no quarto capítulo, desde quando descobriu a escoliose grave na coluna, a vida de Fernanda nunca mais foi a mesma. Apesar de viver em uma família estruturada, em que mantinha bons relacionamentos e dispunha de uma boa condição financeira, Fernanda teve que desde cedo enfrentar o sofrimento e os infortúnios causados pela doença. As experiências nos colégios (primeiro no particular e depois na escola pública), o casamento, o nascimento do primeiro filho, o nascimento do segundo filho, a cirurgia na coluna e as complicações que se seguiram no pós- cirúrgico, bem como a volta das dores por ocasião da menopausa, evidenciam a influência da doença, em maior ou menor grau, em todas as suas experiências biográficas

Entretanto, em um dado momento da biografia, precisamente no período que se seguiu à cirurgia, tem início um novo momento na biografia de Fernanda, que é o momento de busca por sentido. No auge das dores, ainda no pós-cirúrgico, Fernanda passa a questionar o significado daquilo que estava vivenciando, e encontra no espiritismo uma maneira de interpretar o seu sofrimento. Interpretação que, segundo ela, não entrou em conflito com sua

visão científica da realidade, mas que abriu a ela um leque de espiritualidade que antes não possuía.

À busca por sentido seguiu-se um longo período de interiorização de valores e significados pertencentes a esse espaço de sentido, que pôde-se constatar em vários momentos da biografia por ocasião da reconstrução biográfica. Essa visão da realidade começou a orientar as interpretações e ações de Fernanda, que passa a utilizar em vários momentos expressões que remetem a uma visão espírita da realidade.

Então, quando estava vivenciando novamente um momento de crise devido às dores na coluna, que estavam insuportáveis, recorda-se de uma experiência que teve na praia com uma médium, no ano de 2010, quando esta lhe sugere trabalhar com crianças de maneira voluntária. A recordação dessa experiência só reforça a ideia de que Fernanda dá crédito a essa experiência e a integra dentro de suas vivências relevantes, pois já está socializada suficientemente de acordo com essa visão da realidade. O que está em jogo aqui são os valores e a visão de mundo que são acionados a partir dessa experiência. Em um primeiro momento, Fernanda considera-se com propósitos muito egoístas, só após dois anos “*se trabalhando*”, a fim de poder “*doar-se*”, acredita-se preparada para o exercício da atividade. O Trabalhar-se aqui tem um sentido de melhorar-se como pessoa, enquanto que o “*doar-se*” corresponde ao conceito de caridade no espiritismo. Esse propósito altruísta para a ação corrobora os achados de Cavalcante (2013) que detectou esse tipo de *motivo a fim* de em grande parte dos estudos sobre o tema.

Entretanto, concomitantemente a todo o processo biográfico de Fernanda, que culminou com a decisão pelo engajamento no voluntariado, cumpre referir que ela pôde encontrar informações sobre o tema nos meios de comunicação virtuais, o que a favoreceu no sentido de aprofundar seu conhecimento sobre a prática. Todo esse vasto cabedal de informações disponíveis sobre a atividade voluntária tem sua gênese e decorre do período que se seguiu a redemocratização do país e do crescimento da atividade e da cultura sobre a mesma no Brasil.

Embora a pesquisa tenha como objetivo elucidar os *motivos porquê* da ação de Fernanda, pôde-se constatar, de maneira empírica, que os *motivos porquê* estão intimamente ligados *aos motivos a fim de*, e isso corrobora as considerações teóricas de Alfred Schutz (1979). As experiências biográficas e alguns elementos do contexto social, como o espaço simbólico de socialização no espiritismo, bem como os meios de comunicação virtuais que disseminam a cultura do voluntariado, contribuíram para que o projeto de desempenhar uma atividade voluntária se tornasse realidade. A elaboração do projeto é antecedido e

influenciado por um conjunto de experiências biográficas, conforme pudemos analisar ao longo da biografia.

O que muda nas diferentes pesquisas empíricas que foram analisadas é o foco. Enquanto alguns pesquisadores se satisfazem somente com o propósito que o ator social tem em realizar a atividade voluntária (ROCA, 1994; SBERGA, 2001; FERREIRA et al., 2008), outros pesquisadores vão além, buscando compreender também os elementos biográficos, sociais e demográficos que contribuem com a formação de uma consciência disposta ao engajamento na atividade (PENNER, 2002; PICOLLI; GODOI, 2012). Portanto, é somente devido aos interesses de pesquisa que as duas classes de motivos podem ser entendidas separadamente.

Não se pode considerar apenas um elemento biográfico ou social como determinante para o engajamento no voluntariado. Todas as experiências tendem a formar uma espécie de caminho biográfico, e este caminho revela uma ordenação causal conforme foi apresentado através dos “momentos biográficos”. O que se quer dizer é que as experiências biográficas formam um fluxo, onde cada experiência subsequente depende em alguma medida da experiência que a antecedeu. Conquanto PENNER (2002) elenque um conjunto de variáveis que antecedem e que contribuem com a situação de engajamento na atividade voluntária, nessa pesquisa conseguiu-se, adotando uma posição compreensiva e analisando toda uma biografia, chegar à conclusão de que esses diversos fatores interagem entre si dentro de uma biografia individual. Foi apresentado um caminho único, uma maneira na qual o fenômeno se consolida através da interação entre fatores biográficos diversos.

Em suma, os achados dessa pesquisa nos levam a considerar a importância dos estudos biográficos não somente com relação às ações voluntárias, mas também com relação a outros tipos de ação que são do interesse da sociologia e que podem ser perscrutadas através da metodologia da narrativa biográfica. A metodologia utilizada possibilitou compreender o processo de constituição da ação de engajamento de Fernanda no voluntariado com base em suas experiências de vida, bem como a relação entre a sua biografia e o mundo social.

Pôde-se constatar também, que a ação de engajamento no voluntariado possui um caráter processual e que a metodologia utilizada no estudo é apta a captar todo esse processo de constituição, pois vai além do sentido imediato que o ator social tem da ação, investigando as causas biográficas e sociais que favorecem ou contribuem com a tomada de decisão no sentido de realizar uma atividade voluntária. Até a tomada de decisão, um longo caminho de experiências biográficas foram se incorporando à consciência de Fernanda, orientando suas escolhas e interpretações.

Os caminhos e descaminhos de sua biografia deixam transparecer que toda experiência bem vivida pode ser fonte de sentido, e mesmo o sofrimento pode ser transformado em razões para o trabalho em favor do bem comum. Fernanda conseguiu transformar a doença e o sofrimento experimentado, a partir do contato com um novo universo de significado, em algo positivo e fator de crescimento pessoal. Ela foi resiliente, aprendeu a superar a experiência e a transformou em fonte de valor para as fases posteriores de sua vida. Através dessa biografia fica transparente o trabalho do tempo, da história e da vida cotidiana não apenas no desenvolvimento da ação, mas na formação da própria consciência cívica do ator social. Adoecimento, busca por sentido, socialização e prática, constituem, portanto, um caminho biográfico possível no qual a ação de engajamento no voluntariado adquire concretude.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jairo Melo. **Voluntariado: na contramão dos direitos sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.
- AVRITZER, Leonardo. Em busca de um padrão de cidadania mundial. **Revista Lua Nova**. número 55-56, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERTAUX, Daniel. A vingança do curso de ação contra a ilusão cientificista, **Civitas**. vol. 14, número 2, 250-271, 2014.
- BEZERRA, Rosa Maria Manguba; OLIVEIRA, Francisco Correia de. **Fatores que geram a evasão no trabalho voluntário**. I Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Natal, RN, 2007. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr\\_2007/2007\\_ENGPR437.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2007/2007_ENGPR437.pdf). Acessado em março de 2015
- CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Paulo Henrique Martins (Org); tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista brasileira de ciências sociais**. vol 13, número 38. São Paulo, oct. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300001). Acessado em abril de 2015.
- CARDOSO, Ruth. O que é o terceiro setor? In: IOSCHPE, Evelyn (Org) **Terceiro setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CARITAS IN VERITATE: do sumo pontífice Bento XVI aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade- **Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. Paulinas, 2009.
- CARVALHO, Alberto Dias de; GOMES, Ana Paula; GANDRA, Florbela Samagaio; VELOSO, Gastão; GONÇALVES, José Luis; PECHINCHA, Margarida. **Voluntariado: Missão e dádiva**. Escola de educação Paula Frassinetti, 2013.
- CAVALCANTE, Carlos Eduardo. Motivação no trabalho voluntário: delineamento de estudos no Brasil. **Revista Estudos do CEPE**. Santa Cruz do Sul, nº 38, p. 161-182, jul/dez, 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/viewFile/3719/3125>. Acessado em junho de 2015.
- CAVALCANTE, Carlos Eduardo; SOUZA, Washington José; CUNHA, Abdon Silva Ribeiro; NASCIMENTO, Marcos Adller de Almeida; FERNANDES, Leandro Trigueiro.

“Por que sou voluntário? Etapa de construção de escala, **Revista Pretexto**. nº 2, 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1168>. Acesso em maio de 2015.

COSTA, Sérgio. **Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil**: uma abordagem tentativa. Revista Novos estudos, Cebrap, número 38, março 1994. Disponível em: [http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/72/20080626\\_esfera\\_publica\\_redescoberta.pdf](http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/72/20080626_esfera_publica_redescoberta.pdf). Acessado em março de 2016.

DAGNINO, Evelina. **Sociedade civil, participação e cidadania**: de que estamos falando? IN: Daniel Mato (coord), Políticas de ciudadanía y sociedad civil em tiempos de globalización. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004.

FAGUNDES, Helenara. **Voluntariado e solidariedade**: da caridade ao direito (Doutorado em Serviço Social)- PUCRS, Porto Alegre, 2005.

FERNANDES, Rubem Cesar. **Privado porém público**: o terceiro setor na América latina. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1994.

FERREIRA, Marisa; PROENÇA, Teresa; PROENÇA, João F. As motivações no trabalho voluntário. In: **Revista portuguesa e brasileira de gestão**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpbg/v7n3/v7n3a06>. Acessado em maio de 2015.

FIORAVANTI, R. H. **Voluntários de coração**: uma abordagem antropológica sobre o trabalho voluntário no Hospital Pequeno Príncipe, 2006. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=65818](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=65818). Acessado em maio de 2015.

FRANKL, Viktor. **Argumentos em favor de um otimismo trágico**. IN: Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl. Prefácio de Irmgard Karwatzki; tradução de Antônio Estevão Allgayer; revisão técnica de Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Romeu; MENDONÇA, Eduardo Alves; PONTES, Maria Luiza. **As representações sociais e a experiência da doença**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, set-out, 2002. Disponível em: <http://www.sbmfc.org.br/media/file/GT%20Homem/Gomes%20RepSaude%20ExperDoenca%20CSP%20Sept%202002.pdf>. Acessado em setembro de 2015.

IANNI, Octavio. **A sociologia e o mundo moderno**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KANT, Immanuel (1724-1804). **Crítica da razão pura**. Tradução J. Rodrigues de Mereghe-Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**: Filosofia espiritualista. Tradução de José Herculano Pires. 62ª edição, São Paulo, LAKE, 2001.

LANDIM, Leilah. As ONGs são terceiro setor. IN: **ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudança**. Hans Jurgen Fiege- Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003.

LANGLE, Alfried. **A vivencia do ser como chave da experiencia de sentido**. IN: Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl. Prefácio de Irmgard Karwatzki; tradução de Antônio Estevão Allgayer; revisão técnica de Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**, Rio de Janeiro: ZAHAR, 1967.

MATTOS, Solange Maria da Silva Nunes; DRUMOND, José Augusto. O terceiro setor como executor de políticas públicas: Ong's ambientalistas na Baía de Guanabara (1990-2001). **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, p.177-192, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n24/a12n24.pdf>. Acessado em março de 2015.

MEISTER, José Antônio Fracalossi. **Voluntariado: Uma ação com sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NATANSON, Maurice. Introducción, In: Schutz, Alfred, **El problema de la realidad social**. Escritos I. Buenos Aires, Amorroutu Editores, 2008.

OLIVEIRA, Francisco Correia de; BEZERRA, Rosa Maria Munguba. Fatores que geram evasão no trabalho voluntário. Revista da Escola de enfermagem da USP, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342008000200022&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342008000200022&script=sci_arttext). Acessado em agosto de 2015.

PAIVA, Flávio. O papel político das ONGs. IN: **ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudança**. Hans Jurgen Fiege- Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003.

PENNER, Louis A. Dispositional and organizational influences on sustained volunteerism: An interactionist perspective. **Journal of Social Issues**. vol 58, nº 3, p: 447-467, 2002. Disponível em: <http://nclc203wagner.pbworks.com/f/Demographic.pdf>. Acessado em agosto de 2015.

PICCOLI, Pedro; GODOI, Cristiane Kleinubing. Motivação para o trabalho voluntário contínuo: uma pesquisa etnográfica em uma organização espírita. **Revista OES**, nº62, julho/setembro, 2012. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11204/8113>. Acessado em agosto de 2015.

QUINTAS, Alfonso Lopes. **Manual de formación ética del voluntario**. ediciones Rialp, S.A: Madrid, 1998.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. **Classe, raça e mobilidade social no Brasil**. Scielo Brasil, Vol. 49, nº 4. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582006000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000400006). Acessado em outubro de 2015.

ROCA, Joaquim Garcia. **Solidaridad y voluntariado**. Malião, Espanha: Sal Terrae Santander, 1994.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. Trad. Tomás da Costa; rev. Hermílio Santos. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROSENTHAL, Gabriele. Veiling and Denying the past: the dialogue in families of holocaust survivors and families of nazi perpetrators. *Biographical Research Methods*. Volume II. Sage publications, London, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de ciências sociais**. número 48, 1997. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao\\_multicultural\\_direitos\\_humanos\\_RCCS48.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF). Acessado em março de 2015.

SBERGA, Adair aparecida. **Voluntariado jovem**: Construção da identidade e educação sociopolítica. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Escritos I. Buenos Aires, Amorrotu Editores, 2008.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **The structures of the life-world**. Northwestern University Press, 1973.

SCHÜTZE, Fritz. “Pesquisa biográfica e entrevista narrativa, IN: Weller, Wivian; Pfaff, Nicole (org), **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

SOARES, Guido Fernando Silva. **A proteção internacional do meio ambiente**. Barueri, SP: Manole, 2003

SOBOTTKA, Emil Albert. Organizações civis: buscando uma definição para além de ONGs e terceiro setor. **Civitas**: Revista de ciências sociais. v. 2, n. 1: EDIPUCRS, 2002.

SOCIAL, Itau, Fundação. Dados disponíveis em: <<http://www.fundacaoitaisocial.org.br/>>. Acessado em: 21 out. 2015.

SOUZA, Lucas Melo; Lautert, Liana. **Trabalho voluntário**: uma alternativa para a promoção da saúde em idosos. *Revista da Escola de enfermagem da USP*, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342008000200022&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342008000200022&script=sci_arttext). Acessado e maio de 2015.

TORO, José Bernardo. O papel do terceiro setor em sociedades de baixa participação (quatro teses para discussão). In: IOSCHPE, Evelyn (Org) **Terceiro setor**: desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WEISS, Carlos. **Direitos humanos contemporâneos**. São Paulo: Malheiros, 1999.

ZILLES, Urbano. **Pessoa e dignidade humana**. Curitiba, PR: CRV, 2012.